

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

Leonardo de Oliveira Leopoldo

**O culto ao Sagrado Coração de Jesus:
Da devoção à vivência litúrgica na perspectiva do Mistério Pascal**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**São Paulo
2025**



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Leonardo de Oliveira Leopoldo

**O culto ao Sagrado Coração de Jesus:
Da devoção à vivência litúrgica na perspectiva do Mistério Pascal**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de BACHAREL em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Sidnei Fernandes Lima.

**São Paulo
2025**

Leonardo de Oliveira Leopoldo

**O culto ao Sagrado Coração de Jesus:
Da devoção à vivência litúrgica na perspectiva do Mistério Pascal**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Teologia
Nossa Senhora da Assunção, da
Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo para obtenção do título de
BACHAREL em Teologia.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Prof. Dr. Sidnei Fernandes Lima

Dedico este trabalho ao Sagrado Coração de Jesus, que nos ama incondicionalmente.

À minha avó Maria José de Oliveira (*in memoriam*), que me transmitiu o amor e devoção ao Coração de Jesus.

À minha mãe Mariluce Gonçalves e todos os meus familiares.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a vós, ó Deus, que no Coração do seu Divino Filho, demonstra-nos seu infinito amor e misericórdia para com todos! Também à Virgem Maria, Senhora de Lourdes, São José, ao meu anjo da guarda e todos os santos, em especial aos que propagaram a devoção do Coração de Jesus.

À minha mãe, ao meu irmão, queridos familiares e amigos, que me apoiaram incondicionalmente em todas as fases do meu processo vocacional, oferecendo seu amor, suas palavras de incentivo.

À Igreja particular de São Paulo, ao Seminário Imaculada Conceição, de modo especial ao Seminário de Teologia Bom Pastor e à equipe formativa, na pessoa do arcebispo, V. Ema. Revma. Dom Odilo Pedro Scherer, aos bispos auxiliares, em especial, o referencial para os seminários e ex-reitor, V. Exa. Revma. Dom Cícero Alves de França, do reitor Pe. José Adeildo, diretores espirituais, colaboradores e benfeitores. Aos meus irmãos seminaristas e a todo o povo de Deus.

Gratidão especial ao vice-reitor, professor, diretor de estudos e orientador, Dr. Pe. Sidnei Fernandes Lima, por sua amizade, orientação, paciência, sabedoria e experiência transmitida durante a elaboração desta pesquisa.

À Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da PUC-SP, com seus professores e colaboradores, em particular, aos professores Dr. Pe. Antônio de Lisboa, Dr. Pe. Ney de Souza e Dr. Pe. Bóris Augustín, pela amizade e profissionalismo.

Por fim, mas não menos importante, gratidão a todos aqueles que contribuíram diretamente para a realização deste trabalho, meus irmãos de seminário que comigo iniciaram a caminhada seminarística, os seminaristas Victor Natali e Vinícius Pinheiro e os demais irmãos seminaristas cuja amizade e proximidade, apoio e amparo, colaboraram para esse resultado.

“Dilexit nos” (Ele nos amou - Rm 8, 37)

“O Coração de Jesus aberto precede-nos e espera-nos incondicionalmente, sem exigir qualquer pré-requisito para nos amar e oferecer a sua amizade: ele nos amou primeiro (1Jo 4,10)”. (DI, nº 1).

RESUMO

O presente trabalho, apresenta uma visão história da passagem da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, até a promulgação para celebração litúrgica por toda a Igreja e aprofundar como as orações oficiais desta, que tem grau de solenidade, nos auxiliam a contemplar o Mistério Pascal. Pretende-se, buscar os fundamentos bíblicos sobre como o amor de Deus, simbolizado no Coração de Jesus é expresso nos textos neotestamentários e veterotestamentários, como também em textos da patrística. Desenvolveremos a definição de coração como símbolo e seu significado nas culturas e na tradição popular. Percorreremos a trajetória história da devoção deste Coração Sagrado, desde seu nascimento na França, os santos e santas que promoveram esta devoção e a chegada no Brasil. Por fim, faremos a passagem da devoção, que foi se difundindo de modo público entre o povo cristão, por intermédio de muitos santos, e chega aos nossos tempos, até a aprovação oficial da Igreja, tomando forma de um verdadeiro culto ao Coração do Senhor, à luz dos documentos do magistério pontifício que ratificam o culto, e promulgam a celebração litúrgica por toda a Igreja, e por meio da análise eucológica, verificar como as orações oficiais desta solenidade, nos conduzem a contemplar o Mistério Pascal.

Palavras-chave: Sagrado Coração de Jesus; história; devoção; coração; culto; Mistério Pascal.

ABSTRACT

This work presents The Sacred Heart of Jesus devotion historical overview, ranging from its origins to its promulgation as a liturgical celebration throughout the Church, and explores how this celebration's official prayers, which brings along a solemnity level, helps us to contemplate the Paschal Mystery. The main purpose is to explore the biblical foundations of how God's love, symbolized in the Heart of Jesus, is expressed in both texts of New and Old Testament, as well as in Patristics' writings. We will build up the heart's definition as a symbol and its significance in different cultures and in popular tradition. The historical of Sacred Heart devotion path will be presented, from its birth in France, the saints and some people who promoted it, to its arrival in Brazil. In the end, this devotion journey will be examined, its widespread among Christian people through many saints' intercession, the reach to now a days, and its official approval by the Church, which took the form of The Heart of the Lord true cult. This exploration considers the pontifical magisterium documents that endorsed this cult and promulgated the liturgical celebration throughout the Church. So, through an eucological analysis, the official prayers of this solemnity will be verified and guide us to contemplate the Paschal Mystery.

Keywords: The Sacred Heart of Jesus; history; Devotion; Heart; Cult; Paschal Mystery.

LISTA DE SIGLAS

AS	Carta Encíclica, <i>Annum Sacrum</i>
CIC	Catecismo da Igreja Católica
DAp	Documento de Aparecida
DI	Carta Encíclica, <i>Dilexit nos</i>
DP	Documento de Puebla
DPPL	Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia
EG	Exortação Apóstolica, <i>Evangelli Gaudium</i>
EMR	Carta Encíclica, <i>Miserentissimus Redemptor</i>
EN	Exortação Apóstolica, <i>Evangelli Nuntiandi</i>
HA	Carta Encíclica, <i>Haurietis Aquas</i>
IGMR	Instrução Geral do Missal Romano
Med	Documento de Medellín
MR	Missal Romano, 3ª edição
SD	Documento de Santo Domingo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I A EXPRESSÃO DO AMOR DE DEUS	9
1.1 Introdução	9
1.2 No Antigo Testamento	9
1.2.1 Pentateuco	10
1.2.2 Sapienciais	12
1.2.3 Profetas	13
1.3 No Novo Testamento	15
1.3.1 Sinóticos	16
1.3.2 João	17
1.3.3 Paulinos	18
1.4 Na Patrística	19
1.5 Considerações finais do capítulo	21
CAPÍTULO II A POPULAR DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS ...	22
2.1. Introdução	22
2.2. Questões preliminares sobre o termo devoção	22
2.3. O simbolismo do Coração	24
2.3.1. O simbolismo do Coração na Tradição popular e culturas	26
2.3.2. O simbolismo do Coração na Sagrada Escritura	28
2.4. Origens da devoção ao Sagrado Coração	30
2.4.1. Trajetória histórica da devoção ao Coração de Jesus	30
2.4.2. Promotores da devoção ao Coração de Jesus	32
2.4.2.1. Santa Gertrudes a grande	33
2.4.2.2. São João Eudes	34
2.4.2.3. Santa Margarida Maria Alacoque	34
2.4.2.4. São Francisco de Sales	35
2.4.3. No Brasil	36
2.5. Considerações finais do capítulo	38

CAPÍTULO III DA DEVOÇÃO POPULAR AO CULTO OFICIAL E CONTEMPLAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL	40
3.1. Introdução	40
3.2. Análise do devocional e do oficial	40
3.3. Da devoção popular ao culto oficial.....	42
3.4. O culto ao Sagrado Coração de Jesus no magistério	46
3.4.1. Encíclica <i>Annum Sacrum</i> , de Leão XIII	46
3.4.2. Encíclica <i>Miserentissimus Redemptor</i> , de Pio XI	47
3.4.3. Encíclica <i>Haurietis Aquas</i> , de Pio XII	47
3.4.4. Carta apostólica <i>Investigabiles Divitias Christi</i> , de Paulo VI.....	48
3.4.5. Encíclica <i>Dilexit nos</i> , de Francisco	49
3.5. As origens eucológicas.....	50
3.5.1. Oração coleta	51
3.5.2. Oração sobre as oferendas	52
3.5.3. Oração depois da comunhão.....	53
3.5.4. Prefácio	53
3.6. A eucologia do Sagrado Coração de Jesus no missal do Concílio Vaticano II	54
3.6.1. Oração coleta na solenidade do Sagrado Coração de Jesus.....	55
3.6.2. Oração sobre as oferendas na solenidade do Sagrado Coração de Jesus	57
3.6.3. Oração depois da comunhão na solenidade do Sagrado Coração de Jesus ..	58
3.6.4. Prefácio da solenidade do Sagrado Coração de Jesus	58
3.7. Análise das leituras prescritas para a solenidade do Sagrado Coração de Jesus	60
3.7.1. Elenco das leituras da solenidade no ano A.....	60
3.7.2. Elenco das leituras da solenidade no ano B.....	61
3.7.3. Elenco das leituras da solenidade no ano C.....	61
3.8. Considerações finais do capítulo.....	61
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS	73

INTRODUÇÃO

“Vinde a mim...e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11,28-29). Com alegria que apresento trabalho que conclusão de curso, fruto de meu estudo e pesquisa, no anseio de conhecer mais e melhor sobre o amor infinito de nosso Deus, expressado no Coração do Filho Unigênito, muito amado.

No centro de todas as celebrações litúrgicas da Igreja, está o Mistério Pascal de Jesus, sua vida, paixão, morte, ressurreição, ascensão, tendo sua plenitude no envio do Espírito Santo em Pentecostes. No centro do Mistério de sua morte está seu amor, seu coração, que é a porta que abre do alto da cruz ao ser transpassado pela lança, para adentrarmos ao eterno.

No Ano litúrgico, a celebração do Mistério Pascal constitui o momento privilegiado do culto cristão no seu desenvolvimento cotidiano, semanal e anual. Com isso, para que melhor o povo contemple e faça a experiência deste Mistério, tomam símbolos da piedade popular que sinalizam essa aliança. Daí resulta a relação entre liturgia e piedade popular, pois ambas são expressões reconhecidas, importantes e que devem caminhar harmonicamente na vivência do culto cristão.

Em todos os tempos, a devoção ao Coração de Jesus no recorda o amor que Ele nos mostrou. Por isso, os corações crentes se voltam ao Coração do Senhor. O coração é o caminho para entender quem é Jesus e também para viver em união com Ele e com a missão da Igreja.

Para grande parte das culturas, o coração simboliza o centro da vida humana, sendo considerado o fundamento da complexidade das experiências e das energias, na íntima unidade da pessoa, sendo também símbolo da profundidade e autenticidade e autenticidade dos sentimentos e palavras. Desta forma, podemos dizer que é também a fonte profunda do amor.

O Diretório sobre a piedade popular e a Liturgia afirma que dentre as diversas expressões de devoções populares:

Não há dúvidas de que a devoção ao Sagrado do Salvador foi e ainda é uma das expressões mais difundidas e amadas da piedade eclesial. Entendida à luz da Escritura divina, a expressão “Coração de Jesus” expressa o próprio mistério de Cristo, a totalidade do seu ser, a sua pessoa considerada no seu núcleo íntimo e essencial: Filho de Deus, sabedoria incriada; caridade infinita, princípio de salvação e de santificação para a humanidade inteira. O Coração de Cristo é Cristo, Verbo incarnado e salvador, intrinsecamente voltado – no

Espírito, com infinito amor divino-humano para o Pai e para os homens seus irmãos (2003, n. 166).

Segundo Maçaneiro (1997, p. 269-289) a espiritualidade cristã centrada no Coração de Jesus pode ser entendida como uma espiritualidade cristocêntrica e centro-crística, em que o coração de Cristo se torna o ponto focal para compreender a totalidade de sua pessoa. Essa abordagem teológica destaca não apenas a sua encarnação e filiação divina, mas também sua profunda compaixão e misericórdia, aspectos fundamentais da natureza de Cristo. Ao refletirmos sobre o Coração transpassado de Jesus, somos convidados a vivenciar uma espiritualidade que não se limita a um aspecto isolado de sua missão, mas que nos leva a contemplar sua total entrega e sofrimento na cruz, onde se manifesta o amor mais profundo e sacrificial que pode ser concebido. Essa visão amplia nossa compreensão da Cristologia, ao relacionar a vida de Jesus com sua missão salvífica e o eterno amor de Deus pela humanidade.

Na espiritualidade ligada ao Coração de Jesus, o amor constitui o princípio estruturante dessa devoção. O simbolismo do Coração de Jesus parte do fato da existência das duas naturezas: humana e divina do Verbo encarnado, o que nos permite distinguir os dois modos de amar em Cristo: o amor humano, derivado de sua vontade enquanto verdadeiro homem, e o amor divino, intrínseco à sua natureza divina e compartilhado pelas três Pessoas da Santíssima Trindade (DEPTULA, 1988, p. 38).

Na espiritualidade ligada ao Sagrado Coração de Jesus, o amor constitui não apenas um atributo marcante, mas o princípio estruturante dessa devoção. O simbolismo do Coração de Jesus remete à união hipostática, ou seja, à coexistência das naturezas humana e divina na única pessoa do Verbo encarnado. Tal união permite distinguir dois modos de amar em Cristo: o amor humano, derivado de sua vontade enquanto verdadeiro homem, e o amor divino, intrínseco à sua natureza divina e compartilhado consubstancialmente pelas três Pessoas da Santíssima Trindade.

Alguns textos da Sagrada Escritura são considerados bases para a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que fazem referências explícitas a ele. Pode dizer-se, em certo sentido, que esta devoção é a tradução em termos cultuais do olhar que, segundo a tradução em termos cultuais do olhar que, segundo a palavra profética e evangélica, todas as gerações cristãs dirigirão àquele que foi transpassado (Jo 19, 37;

Zc 12, 10), isto é, ao lado de Cristo, aberto pela lança, do qual brotou sangue e água (Jo 19, 34), símbolo do sacramento admirável de toda a Igreja.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus se apoia em fundamentos sólidos na Escritura e Tradição, como já recordado tantas vezes pelos papas Leão XIII, na Carta encíclica *Annum sacrum* (1899), sobre a consagração do gênero humano ao Sagrado Coração; Pio XII, na Carta encíclica *Haurietis aquas*, sobre o Culto do Sagrado Coração de Jesus (1956); Paulo VI, na Carta apostólica *Investigabiles divitias Christi* (1965). Podemos nos recordar da palavra profética e evangélica, todas as gerações cristãs dirigirão àquele que foi transpassado (Jo 19, 37; Zc 12, 10), isto é, ao lado de Cristo, aberto pela lança, do qual brotou sangue e água (Jo 19, 34), símbolo do sacramento admirável de toda a Igreja.

Portanto, esta pesquisa busca analisar a história da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, desde seu nascimento na França, fazendo uma análise bíblico-teológica, como também, dos padres da patrística analisando a presença de propagadores da devoção, até promulgação para celebração litúrgica por toda a Igreja e como as orações oficiais desta solenidade nos auxiliam a contemplar o Mistério Pascal.

Por isso, como primeiro passo desta pesquisa, buscamos nos deter metodologicamente nos fundamentos bíblicos, demonstrando como o amor de Deus é expresso nos textos neotestamentários e veterotestamentários, também nos textos da patrística, trazendo bases sólidas a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que nos remete ao amor de Deus para com a humanidade (primeiro capítulo).

O coração, mais que um sinal, é um símbolo, portanto, desenvolveremos a definição de coração como símbolo e seu significado nas culturas e na tradição popular, o que nos conduz a percorrer a trajetória história da devoção deste Coração Sagrado, desde seu nascimento na França, os santos e santas que promoveram esta devoção e a chegada no Brasil (segundo capítulo).

Por fim, faremos a passagem da devoção, que foi se difundindo de modo público entre o povo cristão, por intermédio de muitos santos, que chega aos nossos tempos, até a aprovação oficial da Igreja, tomando forma de um verdadeiro culto ao Coração do Senhor, à luz dos documentos do magistério pontifício que ratificam o culto e promulgam a celebração litúrgica por toda a Igreja, e por meio da análise eucológica, verificar como as orações oficiais desta solenidade, nos conduzem a contemplar o Mistério Pascal (terceiro capítulo).

CAPÍTULO I

A EXPRESSÃO DO AMOR DE DEUS

1.1 Introdução

Pio XII, em sua encíclica *Haurietis Aquas* (1956, n. 60) assim afirma: “O culto ao Coração de Jesus é o culto do amor que Deus tem por nós em Cristo e, também, a prática do nosso amor a Deus e ao próximo.” Neste capítulo, trataremos em demonstrar como o amor de Deus é expresso nos textos veterotestamentários e neotestamentários, como também, nos textos da patrística, tendo como objetivo fundamentar em bases sólidas a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que nos remete ao amor de Deus para com a humanidade.

O amor de Deus é um amor pedagógico, rico em ternura, carinho, misericórdia, perdão e fidelidade. Na busca de falarmos do Coração de Jesus, falamos sobre a interioridade do Verbo de Deus, em sua totalidade; do amor de Deus que se revelou paternal (Jr 31,33-34); maternal (Os 11,1.3-4; 14,5-6; Is 49,14-15) e conjugal, onde Deus é o Esposo e o povo de Israel a esposa: (Os 2; Ct 2,2; 6,2; 8,6) (GOMES, 1997, p. 261).

1.2 No Antigo Testamento

Já que o pensamento bíblico, desde o início, é total e decididamente teocêntrico, e até poderíamos dizer teocrático e, por isso, gira ao redor de Deus como Criador e Senhor de todas as coisas, como Redentor e Juiz dos homens, é preciso falar primeiramente do amor que tem a Deus como sujeito.

As narrativas mais antigas, sobretudo dos profetas, evidenciam o amor de Deus para com Israel, utilizando imagens do amor conjugal e do amor paternal, embora nem sempre expressamente, mas sim indiretamente, nas numerosas narrativas sobre o seu modo de agir (BAUER, 1973, p. 39). O amor de Deus no Antigo Testamento é expresso nos termos *hesed* (fidelidade generosa), *hen* (favor, graça) e *riham* (misericórdia) e quase nunca pelas palavras *āhab*, *‘ahābāh* (amar, amor) (BORN, 1987, p. 59).

Conforme Stadelmann (1989, p. 38), ao analisarmos os textos veterotestamentários, observa-se que são mencionados vários desígnios de Deus para Israel, sendo

que os principais termos são o amor e fidelidade de Deus: o “amor” (*hesed*) é o princípio inspirador da eleição divina, pela qual o povo de Israel se torna propriedade exclusiva de Deus; a “fidelidade” (*emet*) é o penhor da atuação salvífica de Deus em virtude da aliança sagrada, pela qual se indica a relação firme e duradoura de Deus com Israel. Os designíons divinos de eleição e aliança representam para os israelitas as duas colunas básicas sobre as quais está apoiada a estrutura religiosa do povo eleito.

Ao percorrermos a história de Israel, podemos observar que, com afinco, os profetas denunciaram: o formalismo nas práticas religiosas tradicionais, o triunfalismo nacionalista autoconfiante, a infidelidade devida à contaminação do javismo pelo paganismo, à injustiça social e à corrupção nos tribunais, procurando exortar o povo eleito para manterem-se retos na eleição divina, recomendando mudança de postura. Mas, o povo eleito não seguiu as exortações, caindo em decadência e sofrendo a agressão externa dos babilônios que resultou na supressão da monarquia davídica, na destruição do Templo e na deportação da população de Jerusalém, em 587 a. C. (STADELMANN, 1989, p. 38-39).

1.2.1 Pentateuco

Bauer (1973, p. 39) afirma que ao percorrer o Pentateuco, notam-se muitas atestações diretas ao amor de Deus. Podemos constatar que o verbo ‘*ahab* só começa a ser usado no Deuteronômio (Dt 4, 37; 7, 7s; 10, 15) para exprimir o amor que escolhe livremente. Contudo, a atitude amorosa de Deus para com os homens é, muitas vezes, descrita por termos afins como: *hen* (simpatia, favor; graça: Gn 6, 8; 19, 19; Ex 33, 12s, 16s), ou *hanan* (ser benevolente, doar: Gn 33, 5. 11; 43, 29; Ex 33, 19), *hesed* (benevolência, bondade: Gn 19, 19; Ex 20, 6; Dt 5, 10; 7,9. 12; perdoar: Nm 14, 19), *rahan* ou *meraham* (compadecer-se: Ex 33, 19; Dt 13, 8; 30,3) ou *rehamin* (misericórdia: Dt 13, 18).

No Pentateuco, encontramos referências ao amor de Deus em aspectos distintos: primeiramente, a criação como sendo a obra da bondade divina (Gn 1, 4. 10. 31), sobretudo a criação do homem, a quem Deus formou como sua “imagem” (Gn 1,

26s; 9, 6)¹, ornou-o com numerosos dons e os colocou no jardim em Édem (Gn 2, 7s)², e, por seu infinito amor, não se afasta do homem pecador que com maldade se afasta dele, mas promete-lhe uma redenção futura (Gn 3, 14). Noé “achou graça (*hen*) diante de Javé” (Gn 6,8) e, no meio da corrupção geral depois do dilúvio foi feito objeto, juntamente com seus descendentes, de uma aliança de bênçãos (Gn 9, 1-17). Deus se interessou de forma muito diletta por Abraão e estabeleceu com ele uma aliança baseada na fidelidade mútua (*'emeth*) (Gn 15, 6); aliança que ele renovou com os outros patriarcas (Gn 26, 3-6, com Isaac; 28, 13 e 35, 11, com Jacó) (BAUER, 1973, p. 39).

O autor recorda que o amor paternal de Deus para com o povo de Israel, seu “filho primogênito”, (Ex 24, 22) revelou-se de maneira marcante na experiência de servidão no Egito (Dt 1, 30), constantemente lembrada, tanto em cânticos de louvor (Êx 15, 1-18) quanto em exortações e advertências (Dt 4, 32-38; 32, 1-47). Da mesma forma, a aliança no Sinai, por meio da qual Javé fez de Israel sua "propriedade exclusiva", um "sacerdócio real" e um "povo santo", é um reflexo de Sua bondade misericordiosa, embora também tenha um aspecto jurídico (Êx 19, 4; Dt 4, 31; 7, 7-8) (BAUER, 1973, p. 40).

Já que Javé é também o Deus da aliança, que é “verdadeiro” ou “fiel” (Dt 32, 4), a sua ação é denominada “bondade e fidelidade” (*hesed we-'emeth*: Gn 24, 27), expressão que, aos poucos, se tornou uma fórmula de confissão (2Sm 2, 6; Sl 25, 10; 40, 11; 57,4; 89, 15; 25, 34; Mq 7, 20; Tb 3, 2) (BAUER, 1973, p. 39).

Podemos afirmar que o amor de Deus é espontâneo e livre (Ex 33, 19), mas, como convêm ao caráter da aliança por ele estabelecido, Deus espera e exige que lhe sirvam, observem seus mandamentos e haja um amor recíproco, pois esta aliança não se baseava somente nos vínculos de supremo domínio de Deus e na devida obediência da parte do homem para não serem acometidos por castigos, mas se consolidava e se vivificava com os mais nobres motivos do amor: "Ouve, ó Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor! Portanto, amarás o Senhor teu Deus com todo

¹ “Todo ser humano existe pura e simplesmente pelo amor de Deus que o criou, e pelo amor de Deus que o conserva em cada instante. A criação do homem e da mulher à sua imagem e semelhança é um acontecimento divino de vida, e sua fonte é o amor fiel do Senhor. Por conseguinte, só o Senhor é o autor e o dono da vida, e o ser humano, é sempre sagrado, desde sua concepção, em todas as etapas da existência, até sua morte natural e depois da morte. [...] Deus nos mostrou de modo insuperável como ama cada homem, e com isso lhe confere uma dignidade infinita.” (DAp, 2007, nº 388).

² “A criação também é manifestação do amor providente de Deus; foi-nos entregue para que cuidemos dela e a transformemos em fonte de vida digna para todos.” (DAp, nº 125).

o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Que estas palavras que hoje te ordeno estejam em teu coração!" (Dt 6, 4-6) (HA, 1956, nº 14).

Em contraposição ao amor de Deus para com a humanidade, a infidelidade e a redenção afetaram profundamente o coração humano. No livro do Êxodo, ao se falar sobre o coração do Faraó, demonstra-se que este se tornou endurecido (8, 15.32; 9,7.34). A aliança é um chamado à proximidade com Deus e à lealdade aos seus mandamentos. Com o tempo, Israel foi entendendo que a prática religiosa superficial não era suficiente, para encontrar Deus era preciso amá-lo de "todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças" (Dt 4,29) (FALCADE, 2010, p. 51).

Típico para a imagem veterotestamentária de Deus é o texto seguinte: "O Senhor é um Deus misericordioso (*raham*) e bondoso (*hannûn*), magnânimo, rico em bondade e fiel, que mantém a fidelidade para milhares, que perdoa culpa, iniquidade e pecado, ainda que não sem castigar" (Ex 34, 6; Sl 86, 15; 103, 8; 111,4). Como se vê, o Antigo Testamento, desde os tempos mais remotos, conhece o amor perdoador de Deus (Nm 14, 17) e mesmo em meio aos castigos vê em ação o amor, na medida em que Deus, através deles, quer educar o homem para a conversão autêntica (Lv 26, 40-45; Nm 14, 20-25; Dt 4, 25-31; 30, 1-10) (BAUER, 1973, p. 40).

1.2.2 Sapienciais

Nos Salmos e nos livros sapienciais, a imagem de Deus é caracterizada pelo elemento da imutável bondade e fidelidade à aliança de Javé para com seu povo (Sl 89,4ss; 103,17s; Sb 12, 19-22).

Segundo Bauer (1973, p. 42), alguns elementos novos relacionados ao amor de Deus aparecem nesses livros bíblicos como elemento novo: o amor de Deus para com o indivíduo (Sl 4,2; 25,6s; 119,76s; 143,12; 146,8), que se entrega a Deus com confiança e, por isso, é chamado "filho" (Sl 29,1; Sb 5,5; 16,26) e "amigo de Deus" (Sl 60,7; 108,7; 127,2; Sb 7,27; 7,14). A sua misericórdia, que "dura para sempre" (Sl 100,5; 136), não é só para os homens, mas também para todas as criaturas (Sl 86, 5; 145, 9.16; Sb 11, 24-26; 15,1). Continuamente, a bondade auxiliadora (*hesed, eleos*) e magnanimidade de Deus em dar, e até mesmo a indulgência perdoadora, estão unidas à sua infalível justiça (Sl 36,7ss; 145,7-21; Sb 12,8-18; 18,1-14).

De modo particular na literatura sapiencial, o amor de Deus não é apresentado tanto em sua liberdade original e na sua espontaneidade, como entre os profetas,

mas, antes, como a resposta de Deus à entrega obediente e à fidelidade à lei (Pr 8,17,21; 15, 9; Sb 4,10).

Relatos do endurecimento do coração humano, mesmo diante das diversas manifestações do amor de Deus para com a humanidade, permanecem na literatura sapiencial. Segundo Falcade (2010, p. 51),

[...] em primeiro lugar o endurecimento do coração do Faraó (Ex 8, 15.32; 9,7.34), depois Israel (Sl 95,8): “Não endureçais o vosso coração como em Meriba” (Sl 95,8), mas o homem deveria apresentar-se diante de Deus com “um coração contrito e humilhado” (Sl 51,19), implorando ao Senhor que “cria neles um coração puro” (Sl 51,12). Esse salmo penitencial que mantém um estreito parentesco com a literatura profética, é uma das orações mais importantes para a espiritualidade do coração, porque enfatiza a necessidade da conversão interior e implora um coração puro como uma dádiva divina.

1.2.3 Profetas

Pelos profetas, podemos observar que o amor de Deus é colocado plenamente à luz, e anunciado com grande insistência. Bauer (1973, p. 41), destaca que:

O amor de Deus para com os homens não é somente o amor do criador para com sua obra (Is 43,1-7.21), mas é fundamentalmente amor de Pai (Os 1,1-4; Is 1,4; 30,1.9; Jer 3,19; 31,20), que chega a ser maior que o amor de uma mãe para com seus próprios filhos (Is 49,15; 66,13; Mal 1,6). Este traço de afeição calorosa, que já está incluído no *hashaq* (aderir de Dt 7,7 e 10,15), é pelos profetas expresso, não raramente pelo uso de *'ahab* (Os 9,15; 11,1. 4; 14,5; MI 1,2s).

O autor ainda ressalta que a conexão íntima entre *'ahabâh* e *hesed*, como exteriorização essencial daquele, aparece, sobretudo, no dito de Deus a Israel em Jr 31,3; "Com amor eterno te amo; por isso, guardei para ti por tanto tempo minha benevolência". De modo semelhante se diz em Is 63,9: "No seu amor e cuidado (*hemlâh*), ele os [filhos de Israel] salvou; cuidou deles e os carregou em todos os tempos passados". Nesses textos soam motivos soteriológicos, que também se combinam com as imagens do “pastor de Israel” (Os 4,16; Mq 2,12; 4,6; 7,14), do “médico” (Is 30,26; Jer 3,22; Os 6,1; 14,5), ou “salvador” (Is 43,3. 11; 49,26; 54,5; Os 11,3; 13,4, etc.), sobretudo com a imagem do cônjuge que vive preocupado com a sua companheira infiel, porque esta se entregou a outros deuses como a “amantes” (*me ahabim*) (Jr 2s; Os 1,2; 2,4-15; 3,1-5; 4,12s; Ez 16; 23). Se ela toma consciência de sua culpa e se converte sinceramente a seu Senhor, este, de novo, a recebe

bondosamente (Jr 3,12.14.22; 4,1; Ez 16. 53-63; Os 2,16-25; Is 49,15; 54, 5-8; 62,4s) (BAUER, 1973, p. 41).

Segundo Bauer (1973, p. 42), por meio desse conjunto de imagens, que provavelmente tem relação com as ideias orientais antigas sobre o matrimônio dos deuses, ou "hierogamia" (sobretudo no livro do Cântico dos Cânticos), tem-se por finalidade descrever a aliança entre Javé e Israel como uma comunhão viva em amor.

Não podemos deixar de citar que a revelação mais profunda do amor de Deus no Antigo Testamento se encontra, sem dúvida, na figura do Messias sofredor, expresso na profecia de Isaías:

O *'ebed Yahweh* (Servo de Deus), o qual se ofereceu a si mesmo como sacrifício expiatório em favor do povo infiel (Is 42,1-9; 50; 53). Nele a dinâmica histórico-salvífica da concepção veterotestamentária de amor aparece em plena luz; pois, a aliança "nova" e "eterna" que o Servo de Deus institui pela oferta de si mesmo em sacrifício (Is 54.8-10; Jr 31,31-37; 33,19-26) deve abranger todos os povos (Is 2,2-5; Jr 3,17; Mq 4,1-7; Sf 3, 9; Zc 9,10; MI 1,11) (BAUER, 1973, p. 41-42).

Conforme Falcade (2010, p. 51), no Antigo Testamento, a infidelidade e a redenção afetaram profundamente o coração humano. A aliança no Antigo Testamento é uma exortação à intimidade com o Senhor, ferida pela profunda infidelidade do coração humano, para que permaneçam fiéis aos mandamentos prescritos por Deus. Oséias relata que Israel, pouco a pouco, entende que o culto exterior, não bastava (Os 7,14).

Os Profetas repetem-no em sua época (Jr 5,23; 18,12 e Ez 2,4; 3,7) e referem-se à dureza do coração no contexto da oposição ao chamado à conversão. O que deveriam fazer era "rasgar o seu coração e não as suas vestes" (Jl 2,13). O coração do Senhor é o coração de um pastor que guarda o seu rebanho: "Ele os apascentava com o coração de um pastor que guarda o seu rebanho. Ele os apascentava com coração íntegro e conduziu-nos com mão sábia" (Sl 78,72; 77,21). Esse texto recorda Ezequiel 34, que por sua vez, anuncia Cristo, o Bom Pastor; o Homem que foi verdadeiramente "segundo o coração de Deus", porque foi a encarnação do Coração perfeito do Senhor.

Francisco (2024, nº 99), recorda diversas expressões do amor de Deus ao seu povo, dita através dos profetas, ao tratar do peito aberto de Jesus na Cruz, que é sede de amor. Do profeta Isaías: "pois que és precioso aos meus olhos, és honrado e eu te amo (43, 4); por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu

não me esqueceria de ti. Eis que te gravei nas palmas das mãos” (49, 15-16). Deus usa do profeta Jeremias para expressar seu amor por Israel: “Eu te amei com amor eterno, por isso conservei para ti o amor” (31, 3).

1.3 No Novo Testamento

No Novo Testamento, o termo para expressar o amor de Deus e seus cognatos em grego, encontra as variantes *eros*, *philia* e *agape*. É a partir das distinções presentes na palavra amor que no futuro a crise de sentido se manifestará. “*Eros* significa a paixão de desejo sexual e não aparece no Novo Testamento.” (MCKENZIE, 2005, p. 35).

As palavras amor e caridade expressas nos textos veterotestamentários não se divorciam, pois, a síntese do mandamento do amor é amar a Deus e o próximo, e, conseqüentemente, a caridade é a forma perfeita de amar o próximo (1Cor 13,13). Portanto, amar a Deus e amar ao próximo não é uma relação de consequência, mas uma relação de igual para igual, pois, o amor do próximo é inseparável do amor a Deus, o que faz o homem ser semelhante a Deus (SILVA, 2017, p. 163).

Conforme McKenzie (2005, p. 36), dentre os sinóticos, o evangelho lucano se destaca por proporcionar uma relação entre o perdão dos pecados e o amor de Deus, sendo que o amor a Deus só pode para ser considerado como verdadeiro, se partir do reconhecimento das próprias falhas. Pode-se considerar Lucas como o evangelista mais humano, mostrando-nos a misericórdia de Deus por Jesus. O homem no pecado é surpreendido pelo amor de Deus.

Neste contexto, quando Jesus diz a pecadora perdoada: “seus numerosos pecados lhe são perdoados, porque ela demonstrou muito amor” (Lc 7, 47), podemos compreender que seu extraordinário grau de amor evidencia o quanto aquela mulher está consciente do grande perdão que recebeu. Quem não tem esta consciência bem viva, não pode demonstrar o amor (MCKENZIE, 2005, p. 36).

Considerando que a doutrina do amor no Antigo Testamento, tão diversificada, mas, em última análise, tão unitária, prospecta-se com tanto mais clareza a concepção neotestamentária do amor, em sua novidade própria e em sua profundidade, com a

encarnação do *Logos* eterno³, a revelação do amor de Deus alcançou a sua plenitude, sobretudo, ao entregar sua vida na cruz. A partir daí, pode-se começar a compreender a plenitude das diferentes manifestações desse amor e chegar ao sentido completo e à unidade íntima que tudo liga entre si (BAUER, 1973, p. 47).

Nos textos veterotestamentários, o amor de Deus não é relacionado com a ideia de aliança, mas podemos observar que a “aliança” aparece como o “mandamento” primário e supremo, sendo ainda mais evidente no judaísmo tardio, visto como uma só coisa com o amor ao próximo (a formulação do mandamento se refere a Dt 6, 4 e Lev 19, 18 e foi feita pelo próprio Jesus, Mc 12, 28-31, ou por um doutor da Lei com a aprovação de Jesus; Lc 10, 27; cf. Mt 12, 33; e, ainda: 1Jo 4, 19-21; 5, 2). Já que neste duplo mandamento é regulada toda a atitude do homem, tanto para Deus como para com os outros homens, a antiga Lei com a multiplicidade de seus estatutos e ordenações chega ao seu cumprimento e à sua superação (Mt 22, 40; Rom 13, 8-10; Gl 5, 14; 6, 2; Tg 1, 12; 2, 5) (BAUER, 1973, p. 49).

1.3.1 Sinóticos

Lacoste (2004, p. 113) afirma que nos evangelhos sinóticos, o amor é o centro da Lei, de modo que o mandamento do amor de Deus (Dt 6, 5) é o maior e o primeiro; enquanto Jesus lhe associa imediatamente, como semelhante a ele, o mandamento do amor do próximo (Mt 22, 36-40; Mc 12, 28-31; Lc 10, 25-28; Lv 19, 18). Recordando que o amor é o essencial da lei – em um contexto em que se tenta pô-lo à prova – Jesus mostra que sua doutrina não quer ser original; mas insiste sobre a atualização, no coração e na prática, do sentido já bem conhecido de “lei”.

Como no Antigo Testamento, o amor de Deus se manifesta de forma incondicional e abrange a humanidade na sua integralidade, mas exige dele compromisso firme e definitivo (Mt 6, 24; Lc 16, 13), que se manifesta numa plena confiança, sem reservas (Mt 6, 25. 32) e depois, numa adesão pelo “reino de Deus e sua justiça” (Mt 6, 33), isto é, numa afirmação e numa execução irrestrita da vontade do Pai (Mt 6, 10; 7, 21; 26, 42; Mc 3, 35). Fruto desta obediência amorosa é o

³ “O Concílio Vaticano II, quando mencionou o Coração de Jesus, falou de seu coração humano: “Amou com um coração humano” (GS 22). Não se tratava de contradizer o Concílio de Calcedônia, no qual afirmava que as duas naturezas de Cristo foram definidas como unidas numa Pessoa. Apresentar Jesus histórico é falar de sua humanidade, é a revelação de Deus. Jesus foi tão humano que mesmo o seu conhecimento, o seu amor e os seus sentimentos aconteceram historicamente, pois a dimensão histórica faz parte da natureza humana (cf. Lc 2, 40. 52).” (FALCADE, 2010, p. 56).

seguimento a Cristo, renunciando a si mesmo e carregando sua cruz (Mc 8, 34), razão pela qual deve-se mostrar, inicialmente, na aceitação paciente de sofrimentos e perseguições “por causa de Cristo” ou por “causa da justiça” (Mt 5, 10; Mc 4, 17; 13, 9.13) (BAUER, 1973, p. 49).

Segundo Born (1987, p. 62), sobre o amor de Deus pelos homens, ninguém jamais falou como Jesus, nem mesmo os profetas do Antigo Testamento:

O amor do Pai Celeste não exclui ninguém (Mt 5, 45); estende-se a todas as necessidades de seus filhos (Mt 6, 25, 32); manifesta-se sobretudo pela infinita misericórdia de Deus (Mt 18, 12s. 23-35; Lc 15, 3-11; 15, 12-32). Ele tem a consciência de ser Ele mesmo o bem-amado, é o unigênito Filho de Deus (Mt 3, 17; 15, 5), o eleito (Lc 9,35), revestido do poder de Deus, e em cujas obras se manifesta o despontar do Reino de Deus (Mt 12, 28; Lc 11, 20) e o amor de Deus para com todos os homens (Jo, 3, 16, 1Jo 4, 9; Rom 5,8; 1Jo 4,10; cf. Mc 10, 45).

1.3.2 João

João, o “discípulo amado que durante a ceia reclinara a cabeça sobre o peito de Jesus” (Jo 21, 20), é aquele que nos deu a fórmula e a essência mais bela sobre Deus: Deus é amor (1Jo 4, 8. 16), ou seja, a essência de Deus é amor e Ele é objeto de amor.

A necessidade da obediência a Deus como uma resposta ao seu amor, já explicitado na tradição veterotestamentária, é reafirmada no quarto evangelho, pois o amor a Deus se torna uma só coisa: “observar os mandamentos” (Jo 14, 21-24). Trata-se de um pressuposto, evidente por si mesmo, para a comunhão com Deus e com Cristo (Jo 14, 23s; 1Jo 2, 5). Quem ama verdadeiramente a Deus observará também os seus mandamentos, pois neles se manifesta o amor de Deus como Pai providente (BAUER, 1973, p. 49-50).

Lacoste (2004, p. 114) afirma que o Evangelho de João é o do amor. Jesus veio à terra para dar testemunho do amor do Pai, para com ele (Jo 3,35; 10,17) para com os homens (Jo 3,16); deixa uma novidade nos mandamentos: “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos uns aos outros.” (Jo 13,34). A exigência radical desse amor é dar o que não se tem: ser para o outro como Cristo foi para os seus discípulos. A medida desse amor não é mais o amor que se tem por si mesmo, como em Levítico 19,18, o que só é possível se o Espírito Santo (Jo 14,16.26) criar potencialidades no ser humano. Além disso, a

reciprocidade desse amor (uns aos outros) pressupõe a existência de uma comunidade que ama em Cristo (Jo 17,20-21).

Seguindo o pensamento do autor, o amor de Cristo por eles, deve ser refletivo no amor entre os homens. A relação do amor trinitário expressa, por exemplo, na oração sacerdotal (Jo 17,1-26) é modelo para este amor. O Filho se entrega por amor ao Pai, sabendo que o sacrifício exige do Pai o mesmo amor. Portanto, o amor que une o Pai e o Filho no momento da paixão (Jo 17,10.21) revela a dimensão trinitária de Deus. Esse amor é, essencialmente, o próprio Espírito Santo (LACOSTE, 2004, p. 114).

Para o autor, a expressão “Deus é Amor” (1Jo 4,8) resume de forma decisiva toda a revelação. Não podemos considerar essa expressão como uma divinização do amor com um alcance puramente humano, nem como uma simples referência a um Deus que ama. Deus é o próprio evento do amor e não apenas um ser que ama, da mesma forma como se manifestou na paixão e na ressurreição. Deus não reteve para si o bem-amado, mas o deu, abrangendo o mundo em seu amor. Ao amar Jesus até a cruz, Deus amou a humanidade como a seu Filho, introduzindo-a em seu mistério, para que, permanecendo nesse amor, ela continue sua obra (LACOSTE, 2004, p. 114).

No livro do Apocalipse, dirigindo-se à Igreja de Filadélfia (Ap 3, 9), atribui-se Cristo o uso da afirmação “eu te amo”, declaração que expressa o amor de Deus por seu povo (Is 43, 4.9). O Cordeiro envia o Espírito, que procede do Pai e está diante do Pai (Ap 1, 4; 4, 5), e que também pertence a Cristo (Ap 3,1; 5,6). Este Espírito simboliza a união suprema entre o Pai e o Filho, representado pelos sete olhos que irradiam a imagem resplandecente do amor, que a teologia associa ao Espírito Santo (ARAÚJO e SILVA, 2008, p. 39).

1.3.3 Paulinos

Bauer (1973, p. 50), diz que Paulo fala claramente do amor de Deus, não só pela aceitação de uma tradição comum (assim talvez em Rm 8, 28), ou pela citação de textos veterotestamentários (como em 1Cor 2, 9, citando Is 64, 3), mas em passagens totalmente genuínas e pessoais, como 1Cor 8, 3: “Quando alguém ama a Deus, é conhecido por Ele” – um pensamento tipicamente paulino.

Conforme Born (1987, p. 63), os escritos de São Paulo destacam de forma clara que na missão do Filho, o amor de Deus foi plenamente revelado, ao morrer pelos

pecadores (Rm 5, 8; 8, 32; Tt 3, 4). A entrega voluntária de Jesus, até a morte, é um gesto de amor de Deus, que enviou Seu Filho com esse propósito. Também é um ato de amor de Cristo (Rm 5, 6), que aceitou a cruz em obediência (Fl 2, 8).

Desta forma, o autor observa que São Paulo não faz uma separação entre o amor de Deus e o amor de Cristo, mas serve-se das expressões “graça de Deus” (Rm 3, 24; 5, 15), e, em outros momentos, “graça de Cristo” (Rm 5, 15; Gl 1, 6; 2Cor 8, 9). Deus, sendo o “Deus do amor” (2Cor 13, 11), distribui Seu amor a quem Ele deseja (Rm 9, 11-16); por isso, Seu amor é uma escolha (Rm 9, 24-26). Ser “amado por Deus” e “chamado” (Rm 1, 7; Cl 3, 12) são expressões equivalentes, que se referem àqueles que foram eleitos desde o princípio para a salvação (2Ts 2, 13; Ef 1, 4s; 1Ts 1, 4) (BORN, 1987, p. 63).

No coração dos eleitos, Deus infunde o amor, por seu espírito, que lhes é dado (Rm 5, 5). Estes possuem desde já o penhor da salvação para a qual foram chamados (2Cor 1, 22; 5,5; Ef 1,4). O Espírito, a realização concreta do amor de Deus, opera na pessoa amada por Deus a purificação, a justificação, a santificação (1Cor 6, 11; 2Ts 2, 13), a renovação interna (Tt 3, 5) (BORN, 1987, p. 63).

1.4 Na Patrística

No período da patrística, que compreende os séculos I d.C. a V d.C., marcado por mudanças e transição de pensamento, no desenvolvimento de uma filosofia que se aproximava do pensamento cristão e do conhecimento religioso, encontramos diversas expressões dos Padres da patrística a respeito do amor de Deus, em que a Igreja dará continuidade à compreensão do amor de Deus, testemunhado nas Sagradas Escrituras. Conforme Silva (2017, p. 164), a Igreja:

Precisará testemunhar este amor, combater os hereges e expulsar os ventos polêmicos que colocavam em xeque a existência de um Deus que ama. Os padres gregos mostrarão a existência do cristianismo na perspectiva do amor, sem ele, não teria necessidade a fé. Não será diferente com Agostinho e a Escolástica.

Eicher (1993, p. 4) diz que devido à polêmica com a gnose, foi necessário manter com todo o seu vigor o primado do amor, especialmente quando ela vem a ser apropriada cristãmente e ainda como cristão neoplatônico se permanece sob o impulso de seus motivos existenciais (Clemente de Alexandria, Orígenes, Evágrio

Pôncio, Pseudo-Dionísio, Máximo, o Confessor, entre outros). Somente por pouco tempo, permanece-se exposto à tentação gnóstica de defender – contra 1Cor 13,2.8s e Ef 3.19 – a precedência do conhecimento (de Deus) e subordinar-lhe o amor como grau prévio de purificação para ele.

Na verdade, o resultado global do esforço de reflexão que se estendeu por vários séculos é o seguinte: a identificação, em geral indireta, às vezes direta, do amor com a *apátheia* enquanto liberdade de ser atingido pelos estímulos do mundo dos sentidos faz com que se entenda o amor como auto esquecimento de si e, precisamente por isso, também como capacitação para o amor cotidiano para com o próximo (EICHER, 1993, p. 4).

Santo Agostinho (354-430)⁴, considerado um dos mais importantes teólogos e filósofos nos primeiros séculos do cristianismo, ao tratar sobre o tema do amor, estabelece novo patamar ao conceito:

[...] rico de consequências históricas, porque, em polêmica com Pelágio (e já antes), entende a 'graça' como "contrapeso" (*pondus*), interno contra o pecado. A "graça" precisa, em consequência, identificar-se formalmente com o amor para com Deus, porque o pecado é busca de si mesmo, amor-próprio enquanto precisamente contrário à ágape testemunhada na Bíblia. (EICHER, 1993, p. 4).

Segundo Lacoste (2004, p. 115), Agostinho radicaliza a oposição entre o amor de si e o amor de Deus⁵, que estão na origem das duas cidades, a cidade terrestre (nascida do "amor de si até o desprezo de Deus") e a cidade celeste (nascida do "amor de Deus até o desprezo de si"). As Confissões descrevem o itinerário espiritual de um ser que renunciou ao vão amor orientado para o prazer por um amor sempre maior para com Deus.

O autor recorda ainda uma afirmação que o Pseudo-Dionísio, o Areopagita, trata sobre o termo que melhor expressa o amor de Deus, que *eros* é um termo mais digno de Deus que *agapé* fórmula que Tomás de Aquino adota, porque a atração

⁴ "Santo Agostinho abriu o caminho para a devoção ao Sagrado Coração como lugar de encontro pessoal com o Senhor. Ou seja, para ele o lado de Cristo não é só fonte de graça e de sacramentos, mas personaliza-o, apresentando-o como símbolo da união íntima com Cristo, como lugar de um encontro amoroso. É aí que reside a origem da sabedoria mais preciosa, que é conhecê-Lo." (DI, 103).

⁵ Essa oposição é um tema essencial do protestantismo, que só percebe uma ruptura entre ordem da graça e a da natureza. Martinho Lutero (1483-1546) é crítico de um amor que só consente referir-se a um objeto na medida em que lhe reconhece um valor, ou seja, na medida em que espera uma satisfação de retorno. O amor de Deus para com o homem é, ao contrário, totalmente gratuito, pois não é condicionado pela certeza de que será aceito: é, portanto, puro dom (LACOSTE, 2004, p. 115).

exercida por Deus e que o homem sofre passivamente no amor (amor = *eros*) é mais forte que os motivos que o homem tira de sua própria razão. Que o amor possa ser motivado pela concupiscência (quando buscamos uma satisfação para nós mesmos) não impede que possa haver um amor de amizade que ama o objeto por ele mesmo, e que lhe quer bem (LACOSTE, 2004, p. 115).

1.5 Considerações finais do capítulo

Francisco (2024, n. 46) afirma que, ao olhar para as ações e ensinamentos de Jesus enquanto peregrino nesta terra e sua entrega última na cruz por amor a nós, como descrito nas Sagradas Escrituras, pode, sob o olhar de alguns, parecer um mero romanticismo religioso, mas deixa claro que:

[...] é o que há de mais sério e mais decisivo. Encontra a sua expressão máxima em Cristo pregado numa cruz. Essa é a palavra de amor mais eloquente. Não se trata de algo superficial, não é puro sentimento, não é uma alienação espiritual. É amor.

Neste capítulo, buscamos demonstrar, por bases sólidas de nossa fé, expressões do amor de Deus para com a humanidade, desde a criação à queda da humanidade no pecado, mas sem deixar de amar-nos; aliança que Ele deseja, por amor, firmar com a humanidade para que seja seu povo. Ressaltando as exortações para permanecermos fiéis à Ele, dirigidas a nós pelos profetas; e como cume deste amor: o Pai envia seu próprio Filho, que por seus gestos e palavras, nos revelam do seu Coração, e firma nova e eterna aliança com seu povo, deixando-nos novo mandamento: “que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também, uns aos outros (Jo 13, 34).”

Recordaremos agora o simbolismo do coração para as diversas culturas e tradições; o surgimento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e alguns santos que foram difusores desta tão cara devoção.

CAPÍTULO II

A POPULAR DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

2.1. Introdução

Sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, Papa Pio XI, na encíclica *Miserentissimus Redemptor* (1928, n. 3), afirma que “nessa forma de devoção, está o compêndio de toda a religião, a norma de vida mais perfeita, e conduz mais suavemente as almas para o profundo conhecimento de Cristo, a amá-lo mais apaixonadamente e a imitá-lo.”

Neste capítulo, buscaremos definir o que é devoção e ser devoto e o que diz o magistério sobre este tema. Nos empenharemos em demonstrar a definição de coração como símbolo e seu significado nas culturas e na tradição popular. Para uma melhor compreensão da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, apresentaremos uma visão histórica, desde seu nascimento na França e a chegada no Brasil, além dos santos e santas que, em sua época e em meio aos desafios, se dedicaram em propagar esta devoção.

2.2. Questões preliminares sobre o termo devoção

O Concílio Vaticano II (1962-1965) define cultura como “todas as coisas com as quais o homem aperfeiçoa e desenvolve sobre as variadas qualidades da alma e do corpo, o próprio orbe terrestre; torna a vida social mais humana, tanto na família quanto na comunidade civil” (GS, nº 53a). Portanto, cultura se apresenta como um aspecto histórico e etnológico, considerando a multiplicidade e diversidade cultural (SOUZA, 2019, p. 14).

São Paulo VI, na Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, define que a piedade popular:

[...] traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até o heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção etc. Em virtude destes aspectos, nós a chamamos de bom grado “piedade popular”, no sentido de religião do povo, em vez de religiosidade (EN, nº 48).

Na América Latina, a religiosidade popular é definida “como a apropriação das crenças religiosas pelas pessoas comuns. É também denominada de piedade popular, fazendo alusão à forma como os empobrecidos vivem a sua religiosidade, em contraste com a religiosidade e ritos oficiais da Igreja Católica.” (MATTAI, 1989, p. 1001).

Conforme Souza (2019, p. 58-67), as últimas quatro Conferências do Episcopado Latino-americano e do Caribe, trataram sobre a temática da religiosidade ou piedade popular, ressaltando sua importância na fé do povo latino-americano. Em Medellín (1968), o capítulo IV é dedicado à religiosidade popular e tece fortes críticas ao tema (Med, nº 6,2; 6,4; 6,5), mas ressalta pontos positivos quando a religiosidade apresenta “uma enorme reserva de virtudes autenticamente cristãs, especialmente no que diz respeito à caridade” (Med, nº 6,2). Puebla (1979) afirma que “a piedade popular conduz ao amor de Deus e dos homens e ajuda as pessoas e os povos a tomarem consciência de sua responsabilidade na realização do próprio destino”; e continua: “a autêntica piedade popular, baseada na Palavra de Deus, encerra valores evangelizadores que ajudam a aprofundar a fé do povo” (DP, nº 35). Em Santo Domingo (1992), os bispos nos reafirmam a importância da religiosidade popular, sendo espaço de evangelização através da inculturação (SD, nº 20, 24, 30, 172, 248). O documento de Aparecida (2007) mostra que o episcopado define piedade popular como lugar de encontro com Jesus Cristo, convidando a todos a promover e proteger esse tesouro da alma dos povos latino-americanos (DAp, nº 446-447).

Sobre a piedade popular, o Papa Francisco, em diversos documentos, incentiva e demonstra apreço a esta que “é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionários” (DAp, nº 264), e que não é “vazia de conteúdos, mas, descobre-se e exprime-os mais pela via simbólica do que pelo uso da razão instrumental e, no ato de fé, acentua mais o *credere in Deum* que o *credere Deum*” (EG, nº 124). Francisco ainda exorta que:

Ninguém ridicularize as expressões de fervor devoto do santo povo fiel de Deus, que na sua piedade popular procura consolar Cristo. E convido cada um a perguntar-se se não há mais racionalidade, mais verdade e mais sabedoria em certas manifestações desse amor que procura consolar o Senhor do que nos atos de amor frios, distantes, calculados e mínimos de que somos capazes aqueles que julgamos possuir uma fé mais reflexiva, cultivada e madura (DI, nº 160).

O Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia (2003, nº 8) afirmam que a piedade popular e suas expressões são sinais que:

animadas por uma atitude de fé interior, manifestam um aspecto particular da relação do fiel com as Divinas Pessoas, ou com a bem-aventurada Virgem em seus privilégios de graças e nos títulos que o expressam, ou com os Santos, considerados em sua configuração com Cristo ou na função por eles exercida na vida da Igreja (DPPL, nº 8).

Ao falarmos de devoção, devemos considerá-la como prática difundida no meio popular, seja em maior ou menor proporção, a qual um número de fiéis já se “dedica”. Desta maneira, devoção quer dizer que uma pessoa é dedicada, ligada afetivamente a um santo ou santa, mais que aos outros. Assim, por exemplo, um devoto de Santa Teresinha do Menino Jesus não vai se recordar dela somente no dia primeiro de outubro, mas se recordará com frequência, com afeto; rezando a ela, procurando honrá-la com uma novena, acendendo uma vela ou com uma rosa (OLIVEIRA, 2017, p. 18).

É comum ouvirmos no meio popular que, mesmo conhecendo pouco ou nada da vida deles, se tem devoção a um santo ou santa em particular. Por vezes, nos momentos de tristeza, perigo, medo, perigo ou solidão, o fiel recorre à intercessão desses santos ou santas, sendo constatado os inúmeros testemunhos de graças alcançadas por intercessão desses homens e mulheres bem-aventurados, para si ou para familiares ou pessoas próximas (OLIVEIRA, 2017, p. 19).

“Dentre as diversas expressões de devoções populares, não resta dúvidas de que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus foi e ainda é uma das expressões mais difundidas e amadas da piedade popular” (DPPL, nº 166).

2.3. O simbolismo do Coração

Conforme Cancone (1984, p. 63 *apud* SILVA, 2022, p. 120), na Igreja, compreendida como povo de Deus, observamos que sua expressão e identidade eclesial vêm das raízes históricas, que para uma maior aproximação na vida das pessoas, considera os contextos humanos e o ecumenismo. Sabemos que a devoção popular e a Liturgia utilizam-se de símbolos, que são formas de externalizar e legitimar as experiências, que por meio de formas ou de alegorias apresentam e contextualizam um fenômeno que reflete a realidade vivida.

Alguns conceitos úteis e que são frequentes na teologia do Coração de Jesus tratam da natureza do sinal e do símbolo, pois todo nosso conhecimento é mediato, ou seja, para exprimirmos ou percebermos uma ideia, utilizamos a mediação dos sentidos, dos sinais e dos símbolos.

Conforme Aldazábal (2005, p. 17), o sinal, por si só, aponta para algo exterior e a si mesmo. “O sinal não ‘é’ o que significa, mas sim o que nos orienta, de modo mais ou menos informativo, para a coisa significada, eles apontam a grandeza e a singeleza do mistério celebrado.”

Para o autor, a palavra símbolo (do grego: *syn-ballô*, juntar) contém a ideia de reunir duas coisas ou dois fragmentos de uma coisa que, quando reunidos, permitem um reconhecimento. Nesse sentido, mediante o símbolo se reconstrói uma situação anterior que ficou suspensa ou que se prolonga. O simbolismo é um processo que faz passar das coisas visíveis às invisíveis e é, ao mesmo tempo, o resultado deste processo (ALDAZÁBAL, 2005, p.17).

Portanto, o símbolo já nos faz entrar em uma dinâmica própria e não só nos informa, diferentemente do sinal. Ele próprio já “é”, de algum modo, a realidade que representa, introduzindo-nos em uma ordem de coisas a que ele mesmo já pertence (ALDAZÁBAL, 2005, p.17).

Segundo Tassarolo (1957, p. 77 *apud* DEPTULA, 1988, p. 169), “o coração não é simples sinal, é um símbolo, que na nossa cultura representa sobretudo o amor e a pessoa que ama.”⁶ Portanto, o coração humano não é símbolo de uma ideia abstrata, mas de um amor concreto que envolve toda a pessoa e da própria pessoa considerada no ato de amor.⁷

O autor ainda se concentra em falar sobre o Coração transpassado de Jesus, particularmente rico quanto à riqueza de simbolismo própria de todo coração dado a riqueza de significado que a tradição bíblica e a fé cristã vislumbraram e descobriram ao longo dos séculos; símbolo do amor que não tem confins, que se dá inteiramente,

⁶ Neste contexto, ao voltarmos nosso olhar ao Coração de Jesus, contemplamos que seu coração ao ser transpassado é símbolo do amor que não tem limites, que se doa infinitamente. Além disso, ele é símbolo de todas as graças que Jesus oferece ao mundo doando-se a si mesmo. O simbolismo do Coração de Jesus é rico quanto à riqueza de simbolismo própria do coração (TESSAROLO, 1988, p. 169).

⁷ O autor ainda continua dizendo que: “Jamais houve simbolismo mais sagrado e mais profundamente verdadeiro que este Coração, porque nenhum coração jamais amou e sofreu tanto! Para além daquele simbolismo, está a própria caridade do Verbo Encarnado, que amou até sofrer e morrer como malfeitor, ele, Deus, por malfeitores a quem quer como irmãos (TESSAROLO, 1957, p. 98).

que é símbolo⁸ de todas as graças que Jesus oferece ao mundo oferecendo a si mesmo no dom total (TESSAROLO, 1957, p. 77 *apud* DEPTULA, 1988, p. 169).

2.3.1. O simbolismo do Coração na Tradição popular e culturas

“A palavra coração deriva do grego e do latim *cor*. Ambas têm origem na palavra *kurd* do sânscrito, que significa saltar.” (NAGER, 1993; BOYADJIAN, 1980; ACIERNO, 1994 *apud* PRATES, 2005, p. 1026).

“A mais antiga representação do coração, de que se tem conhecimento, data de 1200 a.C. Trata-se de um vaso da cultura Olmeca do México, provavelmente usado nos sacrifícios humanos desse povo. O vaso que, pode ser apreciado no ANEXO A, tem a forma grosseira do coração com os três vasos originando-se em sua base.” (VINKEN, 2000 *apud* PRATES, 2005, p. 1026).

Coração é o “órgão central do sistema da irrigação sanguínea, desde muito cedo considerado sede do princípio vital e das faculdades afetivas, também na linguagem bíblica significa condescendência, desejo, amor.” (MOHR, 1994, p. 105).

Na fé dos povos, desde os tempos antigos quando compreendido em seu significado mais amplo, coração designa o homem por inteiro, ele é o centro de toda a vida do homem, com os seus pensamentos, sentimentos e afetos, em particular, do amor, sede da vida íntima e órgão que a manifesta, em contraste com a pessoa externa.

No tempo dos babilônios houve um esforço em separar os conhecimentos médicos, da magia e da religião. “O coração foi estudado e descrito, não se distinguindo as artérias das veias, contudo, faziam-se referências ao sangue arterial como sangue ‘do dia’, e ao sangue venoso como sangue ‘da noite’.” (PRATES, 2005, p. 1026).

Os egípcios consideravam o coração como centro de todos os movimentos espirituais. Sem este órgão não se podia pensar sobrevivência após a morte, ao passo que no embalsamamento se tiravam todos os órgãos internos, o coração era deixado

⁸ “Entrar no âmbito do simbolismo do Coração significa entrar em comunhão com um a pessoa que nos ama com um amor infinito, Cristo Jesus que se revela e se comunica no dom do Coração. Através do coração transpassado exprime-se a Pessoa do Senhor. Por isso o coração não é proposto como um objeto de adoração sobre o qual deter-se, mas como símbolo no qual Jesus é representado (TESSAROLO, 1957, p. 77 *apud* DEPTULA, 1988, p. 169).”

no seu lugar. O deus das origens Ptah primeiro pensou o universo com o coração, antes de lhe dar forma por sua palavra criadora (LURKER, 1993, p. 67).

Mesmo considerando o coração como local central, os egípcios nunca o representaram. Apenas existem recipientes que lembravam a forma do coração real, onde seria preservado, o que levou a escrita hieroglífica a usar a aludida forma significando coração (ANEXO B).

Os gregos, tendo como base a tradição e cultura dos babilônios e dos egípcios, estabeleceram sua independência de pensamento, de modo especial, nos estudos sobre as doenças, separando-as dos aspectos mágicos e religiosos presentes em seu tratamento pelos sacerdotes. No século IV a.C., a escola hipocrática descreve o coração com forma semelhante à uma pirâmide, ele é envolto por uma membrana que possui um líquido semelhante à urina, como uma firme massa muscular, preenchida por fluídos. Identificam-se quatro cavidades. “A válvula aórtica é mostrada abrindo em uma só direção, e pelo seu formato é denominada de válvula sigmóide. A válvula pulmonar, por seu formato, também é chamada de sigmóide 4.” (PRATES, 2005, p. 1028).

“Aristóteles (384-322 a.C.), em sua obra História dos animais, o descreve assim: o coração tem três cavidades... sua forma não é alongada, mas arredondada, tendo a forma de ponta no seu fim... tem três cavidades, a maior no lado direito, a menor à esquerda e a de tamanho médio no meio...” (PRATES, 2005, p. 1028).

Na Índia, o coração é visto como o local de contato com Brama, que representa o absoluto. No judaísmo e cristianismo, o coração é considerado sobretudo como a sede das forças afetivas, principalmente o amor, mas também da intuição e da sabedoria. No islamismo, o coração é percebido como o centro da contemplação e da espiritualidade, sendo descrito como envolto em múltiplas camadas, cujas cores se revelam em momentos de intensa emoção. (BECHER, 1999, p. 73).

O coração primeiramente era representado na forma arredondada de um pêssego. Na forma que conhecemos hoje, “aparece pela primeira vez com uma ranhadura ou indentação na parte superior, num trabalho de anatomia escrito por Vigevano em 1347. O grande progresso no conhecimento anatômico após o ano 1500 levou à aceitação da indentação e da forma convexa do símbolo.” (PRATES, 2005, p. 1028).

Na atualidade, o coração representado atravessado pela flecha de Cupido, ou de maneira isolada, mais do que o órgão coração, representa, universalmente, o amor (PRATES, 2005, p. 1031).

Observando o significado do coração nas diversas culturas, podemos constatar que coincide ao considerar este órgão como ponto de partida e lugar central do homem. Desta forma:

Coração, como palavra primária que expressa todo o ser humano, significa o centro e a raiz mais profundos da pessoa, de onde brota tudo o mais que pertence a ela; o centro, portanto, de onde se relaciona primária e totalmente com outras pessoas e com Deus, a quem interessa a totalidade do homem; quem, por esta razão, em seu divino agir, favorece com suas graças este centro cordial do homem ou fere para corrigi-lo (RAHNER, 1986, p. 398).

O coração e seu simbolismo tomam uma nova dimensão com o advento do Cristianismo, tendo seu cume com a difusão do culto ao Sagrado Coração de Jesus, que recorda o momento em que Cristo na cruz no calvário, tem seu lado aberto pela lança do centurião romano, como descrito no evangelho de João 19, 34.

2.3.2. O simbolismo do Coração na Sagrada Escritura

Conforme Macho (1983, p. 38), na Sagrada Escritura, a quantitativa de um termo é importante. A palavra coração, é o termo antropológico mais usado na Bíblia Hebraica, aparece quase mil vezes, raramente é utilizada para expressar órgão físico que bate no peito, na maioria das vezes, é usada no sentido figurado com simbolismo amplo. No Antigo Testamento, assim como em todo o mundo semítico, o termo coração indica o princípio, a origem da pessoa, o ponto central do ser e das operações humanas e, por conseguinte, o órgão central da vida religiosa e moral.

O campo semântico da palavra coração é muito dilatado na Bíblia, tanto que se substituirmos coração por “pessoa”, nos deparamos com um sujeito dotado de vários predicados:

Os rabinos antigos já notaram que o vocábulo coração está, na Bíblia, carregado de sentidos: O comentário exegético no Eclesiastes, chamado Qohelet Rabba, ao comentar Ecl. 1, 16 (“Falei com meu coração”) alega 60 passagens da Bíblia que atribuem ao coração tantas funções ou predicados: o coração vê, ouve, fala, caminha, vai, está de pé, se alegra, chora, se conforma, endurece, desmaia, dói, quebra, se orgulha, se revolta, inventa, engana, projeta, deseja, se extravia, é luxuoso, reanimado, roubado, humilhado, induzido, escurece, erra, desperta, ama, odeia, inveja, é sondado, rasgado, é meditativo; ardente como o fogo, duro como pedra, se arrepende,

se esquenta, morre, se derrete; é capaz de receber a palavra, de ter medo, de desejar, de obstinar-se, de alegrar-se, de enganar-se, de falar dentro de si e de admitir suborno; escreve palavras, traça planos, recebe mandamentos, trabalha com orgulho, faz conformar e se exaltar a si mesmo (MACHO, 1983, p. 39-40).

Muito raro é o significado próprio da palavra coração, o coração de carne, mas podemos recordar de 1Sm 25, 37, ao mencionar Nabal, um rico dono de ovelhas e cabras, que sofre um ataque cardíaco de Nabal quando estava bêbado: “ele sentiu o coração parar no seu peito, e ficou como pedra. Dez dias se passaram, e então o Senhor feriu Nabal, e ele morreu”. O Salmo 38, 11 revela que muitos males angustiam um pecador castigado por Deus, sendo um deles expresso: “meu coração palpita, minha força me abandona, a luz dos meus olhos já não habita comigo” (MACHO, 1983, p. 40).

O mesmo acontece no Novo Testamento, sendo dada pouca atenção ao coração físico. Tiago recrimina os ricos “por ter vivido na terra luxuosamente e haver cevado seus corações para o dia da matança”. Paulo prega aos de Listra que Deus lhes deu chuvas e fertilidade e “que tem cumulado de alimento e de alegrias seus corações”. Lucas exorta: “Tende cuidado para que vosso coração não fique sobrecarregado pela libertinagem, a embriaguez e as preocupações da vida”. Observa-se que em todos os exemplos citados, o sentido da palavra coração parece figurado (de corpo ou da vida) (MACHO, 1983, p. 40).

Uma alusão implícita ao coração físico de Jesus se encontra em Jo 19, 34, texto importante para a teologia do culto ao Coração de Jesus. Este versículo não menciona mais que a abertura do lado de Cristo, mas implicitamente alude ao coração físico do Senhor. É o que o soldado queria atravessar para assegurar a morte de Jesus: não somente o lado, senão o coração⁹ (MACHO, 1983, p. 41).

A Bíblia também nos apresenta diversas manifestações do coração: toda sorte de sentimentos, emoções e vontade: O coração geme (Sl 37, 9); se angustia (Sl 34, 19); se dilata (Sl 199, 32; 2Cor 6, 11); duvida (Ecl 2, 20; Lm 1, 20); se entristece (Gn 6, 6; 1Sm 1, 8; Pr 13, 12; 14, 10); se alegra (Ex 4, 14; Jz 16, 25; Sl 4, 8; 118, 111; Is 24, 7; 66, 14, At 2, 26); se degladia (Gn 6, 6; 1Sm 1, 8; Is 1, 5; Jr 4, 18; Sl 13, 3; Rm 9, 2); se intimida (Dt 1, 28); arde (Lc 24, 32); se encoleriza (Jo 15, 12).

⁹ “Lado” (pleura), “peito” e “coração”, são facilmente relacionados. A relação de “lado” e “coração” está implícita no hexâmetro latino “*tum lateralis dolor, certissimus nuntius mortis*”. Sobre a relação “lado” (de *Lucilio latus latera*) e “peito” entre os romanos (SCHIMIDT, 1969, p. 628 *apud* MACHO, 1983, p. 55).

O coração ama: o esposo dos Cânticos dos Cânticos (4, 9) recrimina a esposa que lhe tem roubado o amor “Roubaste-me o coração..., me roubaste o coração com um olhar de teus olhos. O preceito de amor, que resume a Lei, homem terá que cumprir com o coração: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração” (Dt 6, 5) (MACHO, 1983, p. 43).

2.4. Origens da devoção ao Sagrado Coração

2.4.1. Trajetória histórica da devoção ao Coração de Jesus

Para melhor compreender a origem da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, é importante lançarmos o olhar para a realidade que perpassou a Europa a partir do século XVII, imersa numa crise que assinalava uma virada importante no Ocidente europeu. Após um momento de riqueza e desenvolvimento, a França foi sacudida por uma forte crise econômica, social e política, ficando sob o comando dos “Luises” absolutistas. Neste período, duas forças movimentaram o século XVII na França: O jansenismo e os libertinos.

Segundo o pensamento dos jansenistas, a grandeza e a justiça divina, se opunham totalmente à miséria e fraqueza humanas. Defendiam a ideia de um Deus terrível capaz de enviar decretos incompreensíveis à história humana; “segundo os jansenistas, a criatura humana, ferida pelo pecado original, era indigna de comungar, de aproximar-se do Sacramento da Eucaristia” (SCHNEIDER, 2000, p. 17).

Em contrapartida ao jansenismo, os libertinos comungavam com alguns pressupostos, mas tiravam suas próprias conclusões e seguiam uma postura com teor de vida pagã.

Se de um lado se afastavam da Igreja, sob o pretexto da decadência moral do clero, das controvérsias religiosas e, sobretudo, das guerras de religião, doutro lado professavam uma teoria e uma prática de vida que serviam para aumentar a crise espiritual do século. Ambos, jansenistas e libertinos agravaram visivelmente a crise espiritual do século XVII (FALCADE, 2010, p. 11).

Era difícil para os jansenistas compreenderem a importância da comunhão frequente e a importância da adoração, pois eles desprezavam tudo o que era humano, afetivo, corpóreo, e entendiam, em última análise, que a devoção ao Sagrado Coração de Jesus nos afastava da mais pura adoração ao Deus Altíssimo, pois viam

um Deus tão alto, tão separado, tão distante, que consideravam as expressões da piedade popular perigosas e carentes de controle eclesiástico (DI, nº 86).

Em contraposição dos jansenistas e a devoção ao Coração de Jesus, Luiz Carlos Susin, afirma:

Diante dos exageros do jansenismo, o devoto do Coração de Jesus é convidado a uma ascese moderada, a se centrar decididamente no amor e na misericórdia infinita do Coração de Cristo. O sofrimento e a ascese se integram no amor, e a resposta de amor vem precedida de uma abundância imensa de amor por parte do coração de Deus. A comunhão frequente rompe as obsessões jansenistas, as nove primeiras sextas-feiras do mês revelam que a salvação está mais na união com Cristo do que no esforço da ascese e tornam mais confiante a salvação por iniciativa do amor de Deus. A centralidade do amor de Cristo pela humanidade faz respirar um clima positivo a respeito da condição humana, objeto de tanto amor. É um humanismo (SUSIN, 1996, p. 11-12).

Francisco (2024, nº 84) afirma que, na atualidade, a sociedade “no meio do turbilhão do mundo e da nossa obsessão pelo lazer, pelo consumo e pela distração, pelos telefones e pelas redes sociais”, busca um mundo separado e distante de Deus.

Poder-se-ia afirmar que hoje, mais do que o jansenismo, enfrentamos um forte avanço da secularização que visa um mundo livre de Deus. Acrescenta-se a isso, a multiplicação na sociedade de várias formas de religiosidade sem referência a uma relação pessoal com um Deus de amor, que são novas manifestações de uma “espiritualidade sem carne”. Isto é real. No entanto, devo advertir que, no seio da própria Igreja, o nefasto dualismo jansenista renasceu com novos rostos. Ganhou força renovada nas últimas décadas, mas é uma manifestação daquele gnosticismo que já nos primeiros séculos da fé cristã causava dano à espiritualidade e ignorava a verdade da “salvação da carne”. Por isso, dirijo o meu olhar para o Coração de Cristo e convido a renovar esta devoção. Espero que possa ser atrativa também à sensibilidade atual e que nos ajude assim a enfrentar estes velhos e novos dualismos, aos quais oferece uma resposta adequada (DI, nº 87).

Libânio (1989, p. 87) diz que a devoção moderna ao Coração de Jesus, aflorou-se, em parte, à margem da crise sociopolítica do século XVII. Percebe-se que a Vida Religiosa, enquanto instituição, mantinha um certo isolamento espiritual em relação ao mundo, nutrindo-se mais das correntes espirituais do que das tensões sociais. De maneira mais específica, a vida contemplativa se afastava e se resguardava do mundo, imergindo no âmbito das tradições religiosas. Mas, observa-se que o despontar dessa devoção, foi resposta para o momento cultural, por isso, propagou-se com velocidade acelerada. A devoção ao Coração de Cristo ou ao Coração de Jesus, que se origina na veneração antiga da chaga do lado, é fruto de um

conhecimento e reinterpretação mais profunda do texto joanino (Jo 19, 34), por intermédio da meditação medieval do Jo 13, 23-25 (João inclinado sobre o peito de Jesus) e Jo 19, 37 (o golpe de lança exhibe “o interior” de Jesus, suas “vísceras de misericórdia”, conforme Bernardo de Claraval) e da veneração do crucifixo na *devotio moderna*.

Conforme Lacoste (2004, p. 458-459), nos séculos XII e XIII, desenvolveu-se a devoção do Cristo crucificado, transpassado pela lança. Já no século XVII, a devoção às cinco chagas e a devoção ao coração de Jesus se separaram; a simples referência ao coração, adquire significados afetivos, usados inicialmente para se referir a Maria e, posteriormente, a Jesus. Estes significados refletem, numa piedade renovada, uma teologia clássica da redenção, à qual se une ao dever de reparação. Estes aprofundamentos conduziram a um amor de correspondência e esse amor levou a devoção ao Sagrado Coração de Deus, primeiro particular; depois mais amplo, despertando interesse dos encarregados em dirigir os fiéis em sua vivência espiritual: os bispos e a Santa Sé.

O ofício e a missa comum na Idade Média eram os das Cinco Chagas de Cristo, mas, os dominicanos, já no século XIII, celebravam uma festa com missa e ofício próprios em honra da chaga do costado de Cristo, justamente na oitava da solenidade do Corpo de Deus, dia escolhido mais tarde pelo Coração de Jesus nas revelações a Santa Margarida Maria (CARDOSO, 1989, p. 23).

Na segunda metade do século XV, a *devotio moderna*, no século XVI os jesuítas, e no século XVII, os Oratorianos, assumem como devoção própria a do Coração de Jesus e favorecem o seu culto. Em 1672, São João Eudes (1601-1680), é o primeiro a celebrar em sua comunidade as festividades em honra ao Coração de Jesus, sob permissão do bispo de Rennes. Com as aparições do Sagrado Coração a Santa Margarida Maria, em 1673, esta devoção toma novo impulso (AUGÉ, 2019, p. 270).

2.4.2. Promotores da devoção ao Coração de Jesus

Dentre os grandes promotores da devoção ao Coração de Jesus, podemos destacar: São João Eudes, por celebrar pela primeira vez, com beneplácito de muitos bispos da França, o ofício litúrgico em honra ao Sagrado Coração; Santa Margarida Maria Alacoque, que com a ajuda de seu diretor espiritual, São Cláudio la Colombière,

muito contribuíram na divulgação e propagação desta devoção (HA, nº 51). A devoção deixou de ser exclusivamente privada e tornou-se pública e oficial, graças ao incansável apostolado de São João Eudes. Santa Margarida Maria, após as revelações, falava ao mundo que Deus, através de Seu Filho Jesus, queria estar mais presente na vida de seus filhos e filhas. Muitos são os santos que em vida foram devotos e promoveram a devoção ao Sagrado Coração, alguns até compondo orações, mas nos deteremos em apresentar alguns, que em sua época, contribuíram para o despontar da devoção.

2.4.2.1. Santa Gertrudes a grande

Na Idade Média, a devoção ao Coração de Cristo ainda não era praticada de forma pública, mas tinha por limite habitual as paredes dos mosteiros. Neste período, encontramos Gertrudes de Helfta, monja cisterciense, conhecida como “Gertrudes a Grande” e considerada a primeira apóstola do Coração de Jesus, precursora de Santa Margarida Maria Alacoque. De família burguesa, nascida aos 16 de janeiro de 1256. Desde os cinco anos, passa a ser aluna do mosteiro cisterciense de Helfta (Saxônia) e se dedica ao estudo das Escrituras e dos Padres latinos, especialmente Santo Agostinho e São Gregório Magno. Mas o zelo pelo estudo a fez deixar de lado a vida espiritual, conduzindo-a a uma profunda crise espiritual, o que a fez conseguir superar o seu estado de indiferença espiritual. Por graça mística, recebeu aparições de Jesus e os estigmas no coração, sendo favorecida por numerosas graças místicas. Faleceu após grave e longa doença em 1301 ou 1302 (CROCE, 2012, p. 1095).

Em sua obra Mensageiro da divina piedade (1289), Gertrudes relata um momento de oração no qual escutou os batimentos do Coração de Jesus ao reclinar a cabeça sobre seu peito. Ao conversar com São João Evangelista, ela questiona-o acerca do motivo de não expressar, no seu Evangelho, o que viveu quando teve a mesma experiência. E ela diz ainda “que a doçura destes batimentos foi reservada aos tempos modernos, para que, ao escutá-los, o mundo envelhecido e morno, possa renovar-se no amor de Deus” (DI, nº 110).¹⁰

¹⁰ “Poderíamos pensar que se trata de um anúncio referente ao nosso tempo, um apelo a reconhecer como este mundo se tornou “velho”, necessitado de receber a mensagem sempre nova do amor de Cristo? Santa Gertrudes e Santa Matilde foram consideradas entre as ‘mais íntimas confidentes do Sagrado Coração.’” (DI, nº 110).

2.4.2.2. São João Eudes

A devoção ao Sagrado Coração deixa de ser exclusivamente privada, praticada por poucos, e se torna pública e oficial, graças ao apostolado de São João Eudes (1601-1680), chamado por São Pio X de “pai, doutor e apóstolo” da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e de Maria. Nascido em Ri, diocese de Sées. Oratoriano, formado na escola berulliana, completamente absorvido na contemplação e na imitação dos sentimentos e estados interiores de Jesus e Maria, não se cansava de repetir: “O caminho mais curto e eficaz para aproximar os pecadores do Coração de Cristo é o coração de sua Mãe Santíssima”. Em 1643, funda a Congregação de Jesus e Maria, destinada à pregação de missões paroquiais, à direção de seminários e dedicados ao Sagrado Coração de Jesus e ao Coração de Maria, e as irmandades dos Corações de Jesus de Maria, organizada de modo semelhante à Ordem Terceira (RODRÍGUEZ, 2012, p. 956).

Para ele, o culto do Sagrado Coração de Jesus é o culto da pessoa, enquanto ele é a origem e a fonte da dignidade e da santidade da pessoa; ou, se quiserem, é o culto da pessoa, enquanto valorizada, santificada e inflamada pelo amor. Assim, a palavra “coração” reencontra toda a sua riqueza bíblica (TESSAROLO, 2012, p. 618).

Foi por sua iniciativa, em 1672, que “depois de ter pregado com os seus missionários uma fervorosíssima missão em Rennes, conseguiu que o bispo aprovasse nessa diocese a celebração da festa do Coração Adorável de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foi a primeira vez que esta festa foi oficialmente autorizada na Igreja” (HERREROS, 1943, p. 42 *apud* FRANCISCO, 2024, nº 113).

2.4.2.3. Santa Margarida Maria Alacoque

A devoção ao Coração de Jesus, tal como hoje é praticada, particularmente a vivência da primeira sexta-feira do mês, precedida por uma hora santa de adoração na quinta-feira anterior, a oração ou oferecimento diário, de consagração ao Sacratíssimo Coração de Jesus, favorecida e incrementada em todas as ações do Apostolado da Oração, que, mediante uma fórmula breve e simples se recolhe o melhor das intenções da igreja e especialmente as do Sumo Pontífice, apresenta características marcadas a partir dos acontecimentos de Paray-le-Monial, no final do século XVI, relatados por Santa Margarida Maria Alacoque, nascida na Borgonha, no dia 22 de julho de 1647, numa família de posses, religiosa, com reputação de

seriedade e honra. Ingressa no convento da Visitação de Paray-le-Monial como noviça em 20 de junho de 1671 (ALACOQUE, 2015, p. 42).

Jesus apareceu a Margarida Maria, que teve graças de vida mística extraordinária desde muito cedo. Ele a chamava "discípula predileta"; a ela comunicou os segredos do seu Coração e a fez partilhar da ciência do amor.

Certa vez estava diante do Santíssimo, dispondo de um pouco mais de tempo. Encontrava-me tão fortemente possuída pela divina presença que me esqueci de mim mesma e do lugar em que estava. Entreguei-me então ao divino Espírito, pondo meu coração à mercê da força de seu amor. Ali me revelou as maravilhas de seu amor e os segredos insondáveis de seu Sagrado Coração, que tinha conservado escondidos até aquele momento em que nos abriu pela primeira vez, mas de modo tão real e sensível que não deixou lugar para nenhuma dúvida, pelos efeitos que essa graça produziu em mim (ALACOQUE, 2015, p. 56).

“A religiosa também recebeu de Jesus uma grande promessa: os que recebessem a comunhão, por nove meses consecutivos, na primeira sexta-feira do mês, receberiam o dom da penitência final, ou seja, morrer recebendo os sacramentos, sem ter pecado.” (FALCADE, 2010, p. 19).

Numa sexta-feira, durante a Santa Comunhão, Ele disse à sua indigna escrava, se ela não se engana: Eu te prometo, na excessiva misericórdia de meu Coração, que seu amor todo-poderoso concederá a todos aqueles que comungarem consecutivamente nas nove primeiras sextas-feiras dos meses, a graça da penitência final, não morrendo na minha desgraça e sem receber os sacramentos, e meu Coração divino se tornando seu asilo seguro no último momento (SÁ, 2008, p. 52).

Aconteceram muitas incompreensões de pessoas próximas à Santa Margarida Maria e perseguições contra ela. São Claudio La Colombière (1641-1692) um santo, cuja energia, bom senso, segurança de juízo e fervor, foi decisivo para que ela atravessasse a tempestade. Margarida Maria Alacoque faleceu em 17 de outubro de 1690 (RODRÍGUEZ, 2012, p. 1527-1528).

2.4.2.4. São Francisco de Sales

Nos tempos modernos, destaca-se o contributo de São Francisco de Sales, que muitas vezes contemplou o Coração aberto de Cristo, e nos convida a habitar dentro dele em uma relação pessoal de amor, na qual se iluminam os mistérios da vida. Em oposição a uma moral rigorista, “o Coração de Cristo lhe aparece como um apelo à plena confiança na ação misteriosa da sua graça.” (DI, nº 114). Nascido aos 21 de

agosto de 1567, foi bispo de Genebra e proclamado doutor da Igreja. Além de escritor, foi fundador de uma Ordem religiosa: após o encontro com Joana Francisca Chantal, externou o desejo de fundar uma congregação no estilo do instituto das Oblatas. Faleceu em 1622, em Lyon (PEDRINI, 2012, p. 1062-1073).

Para Francisco de Sales, “a devoção estava longe de se tornar uma forma de superstição ou uma objetivação indevida da graça, pois significa um convite a uma relação pessoal em que cada um se sente único perante Cristo, pensado por Cristo e e valorizado de forma direta e exclusiva.” (DI, nº 115). “No momento de pensar num símbolo que sintetizasse a sua proposta de vida espiritual, conclui: “Pensei então, querida Madre, se estiverdes de acordo, que devemos tomar como escudo um único coração trespassado por duas flechas, encerrado numa coroa de espinhos.” (DI, nº 119).

2.4.3. No Brasil

A devoção do Sagrado Coração de Jesus chegou ao Brasil com a presença dos padres da Companhia de Jesus (jesuítas), no ano de 1549, cuja espiritualidade sempre propôs um “conhecimento interno do Senhor [...] para que mais o ame e o siga” (DI, 144). Em 1553, chega ao Brasil o padre José de Anchieta (1534-1597), que promove notável incentivo para a prática piedosa da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, de modo especial, nas obras em prosa e verso, ocupando algumas dezenas de versos de seu imortal poema *De Beata Virgine Dei Matre Maria*: “Ó Coração Sagrado, não foi o ferro de uma lança que te abriu, mas sim o teu apaixonado amor por nós!¹¹” (ANCHIETA, 2020, p. 242).

No século XVIII, após as visões de Santa Margarida Maria Alacoque, a já popularizada devoção ao Coração de Jesus ganha novo impulso no Brasil sob atuação do padre Gabriel Malagrida (1689-1761), que dinamiza suas missões com atos públicos de consagração e desagravo, dedicando-se igualmente à construção de Igrejas dedicadas ao Coração de Jesus e casas de recolhimento ditas Recolhimento Coração de Jesus, para mulheres desamparadas (HARING, 1985, p. 187).

No Brasil Império, o catolicismo afirma-se como sendo uma sociedade hierárquica perfeita. Somente dentro dele, na fidelidade à sua doutrina e a prática

¹¹ Esse trecho sobre o Coração de Jesus pode ser considerado o ápice do Poema. Anchieta é o precursor da espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus (ANCHIETA, 2020, p. 242).

sacramental, está a salvação. Neste período, “a devoção aos santos assume características de maior vinculação à hierarquia católica, emergindo como grande devoção do período o culto ao Sagrado Coração de Jesus” (SOUZA, 2014, p. 138), trazido por diversas congregações religiosas de origem europeia, que tinham o Coração de Jesus como principal devoção, ou elemento de identidade.

A devoção ao Coração de Jesus contribuiu com o episcopado na Reforma Católica do clero, cujo objetivo era “transformar um clero com alma política e amasiados, em sacerdotes piedosos e celibatários” (SOUZA, 2014, p. 139) e do povo cristão. “A devoção ao Coração de Jesus apresentava-se com um caráter de legitimidade e contava com o apoio dos Bispos Reformadores.” (FALCADE, 2010, p. 36).

Graças à atuação dos bispos reformadores, como Dom Antônio José Ferreira Viçoso, bispo de Mariana¹², e ao trabalho dos missionários populares - especialmente os Lazaristas, Jesuítas e, mais tarde, os Capuchinhos no sul do Brasil -, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus se difundiu rapidamente ao longo do século XIX. Essa devoção foi considerada um dos principais instrumentos utilizados para intensificar o fervor religioso entre a população durante o período imperial. (VAZ, 1996, p. 168).

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus no Brasil, seguiu as mesmas orientações dos países europeus:

Na devoção de reparação, com confissão e comunhão, cada um era individualmente convocado e fortalecido. O Coração de Jesus ajuda a formar o indivíduo. Por isso as Congregações missionárias, com uma perspectiva geralmente pedagógica, educadora aportaram com o exercício educador da devoção ao Coração de Jesus (SUSIN, 2009, p. 22).

Desde seu início, a devoção ao Coração de Jesus, ligava-se ao culto da Eucaristia, tornando-se “Coração Eucarístico”. Segundo Azzi, no Coração de Jesus e no Coração Eucarístico:

¹² “Em Mariana, encontra-se o registro da fervorosa piedade do bispo D. Manuel da Cruz, amigo dos Jesuítas, a quem confiara a direção do seminário por ele fundado. Em meados do século XVIII, D. Manuel introduziu na Catedral uma imagem do Coração de Jesus que foi em seguida retirada pelos cônegos, que não concordaram com a nova devoção. No dia sete de outubro de 1752, D. Manuel presidiu à entronização de uma nova imagem do Coração de Jesus no altar de São José na Catedral, mas os cônegos, em protesto, abandonaram o coro à entrada do prelado. A imagem de um Jesus modernizado chocava com a imagem do Jesus barroco até então venerada” (FALCADE, 2010, p. 38).

Aparecem com nitidez a ideia de Cristo como companheiro do ser humano e sua trajetória sobre a terra, um dos fundamentos da tradicional devoção ao Bom Jesus. Agora, porém, acentua-se que o lugar onde se evidenciam esses vínculos de amizade entre Cristo e o fiel é nos recintos dos templos, junto do altar onde se celebra ritualmente o mistério cristão da Paixão e Morte de Cristo (AZZI, 1986, p. 225).

A Companhia de Jesus retorna ao Brasil durante o Segundo Reinado, após a expulsão pombalina, em 1759. Podemos destacar o Pe. Bartolomeu Taddei, SJ, do Colégio São Luís de Itú, conhecido como o apóstolo do Coração de Jesus no Brasil, que percorreu vários estados do Brasil, pregando a devoção ao Coração de Jesus e importância da eucaristia (FALCADE, 2010, p. 37).

Taddei fundou, em 1º de outubro de 1871, na Igreja do Bom Jesus de Itu, o primeiro centro do Apostolado da Oração, e começou logo a multiplicá-los na capital e várias cidades da então diocese de São Paulo. Muito sábio, envolvia os sacerdotes diocesanos e religiosos no Apostolado e colaborava com os bispos locais, que constantemente o chamavam como pregador de retiros espirituais para o clero e seminaristas. Em 1937, na celebração do centenário de nascimento do Pe. Taddei, o Cardeal Leme assim se refere a este grande apóstolo do Coração de Jesus: “É um dos maiores apóstolos do Brasil de todos os tempos. O renascimento espiritual do Brasil é obra do Apostolado da Oração e o Apostolado da Oração tudo deve ao Pe. Taddei” (VAZ, 1996, p. 170).

“Atualmente, o Apostolado da Oração está em 98 países, com aproximadamente 50 milhões de associados, dos quais 6 a 7 milhões no Brasil. Já o MEJ – Movimento Eucarístico Jovem congrega quase 6 milhões de adolescentes e jovens, entre 10 e 25 anos, 10 mil deles no Brasil, em 19 estados.” (WELTER, 2023).

2.5. Considerações finais do capítulo

Francisco (2024, n. 83) afirma que a “devoção ao Coração de Cristo é essencial para a nossa vida cristã, na medida em que significa a nossa abertura, cheia de fé e de adoração, ao mistério do amor divino e humano do Senhor, até ao ponto de podermos voltar a afirmar que o Sagrado Coração é um compêndio do Evangelho”.

Neste capítulo, contemplamos o despontar da devoção ao Coração de Cristo, primeiramente compreendendo o que é ser devoto, tendo por base o ensinamento da Igreja universal e as afirmações das Conferências do Episcopado Latino-americano e

do Caribe. Também buscamos resgatar a origem do simbolismo do coração, concluindo que em todas as culturas e povos, este símbolo é o amor. Apresentamos neste capítulo, o período vivenciado na Europa na qual surgiu esta tão cara devoção, os santos que foram propagadores e muito contribuíram para que o Coração de Jesus fosse por todos amado e adorado, e sua chegada ao Brasil, tendo claro que esta devoção é trazida pelos primeiros sacerdotes que em nossa pátria desembarcam.

No capítulo seguinte, derradeiro deste trabalho de conclusão, analisaremos como a Igreja reflete sobre a devoção e Devocionismo. Seremos conduzidos a compreender a passagem de devoção para culto ao Sagrado Coração Jesus; as expressões do magistério a Igreja acerca deste culto; e analisaremos as orações e leituras da missa que possuem grau de solenidade e nos conduzem a contemplar o Mistério Pascal de Cristo.

CAPÍTULO III

DA DEVOÇÃO POPULAR AO CULTO OFICIAL E CONTEMPLAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL

3.1. Introdução

Para analisarmos a passagem da devoção para o culto ao Sagrado Coração de Jesus, devemos considerar que “é nos textos da Sagrada Escritura, na tradição e na sagrada liturgia que os fiéis hão de encontrar principalmente os mananciais límpidos e profundos do culto ao Coração Sacratíssimo de Jesus, se desejam penetrar na sua íntima natureza e tirar da sua piedosa meditação alimento e incremento do fervor religioso” (HA, nº 55).

Neste capítulo, derradeiro desta pesquisa, buscamos à luz do documento de Puebla analisar algumas práticas devocionais que por vezes podem ser devocionismo, gerando confusão entre os fiéis e o ensinamento da Igreja; discorrer sobre o árduo caminho para a oficialização do culto ao Sagrado Coração, destacando as resistências encontradas pela Santa Sé, até sua aprovação pela Sagrada Congregação dos Ritos e inclusão no calendário litúrgico; apreciar os documentos do Magistério Ordinário da Igreja sobre Coração Sacratíssimo de Jesus, destacando seus pontos importantes. Por fim, ofereceremos uma análise das orações coleta, sobre as oferendas e pós-comunhão, prefácio e leituras do formulário da missa própria do Sagrado Coração de Jesus, destacando como refletem a teologia e a espiritualidade desta devoção e se relacionam intrinsecamente com o Mistério Pascal de Cristo.

3.2. Análise do devocional e do oficial

Liturgia e piedade popular são duas expressões legítimas do culto cristão que devem caminhar juntas. Uma pode agregar à outra elementos que promovam e propaguem a difusão daquela prática, e assim, harmonizando-a com a Sagrada Liturgia e a Sagrada Escritura, para corretamente conduzir o povo cristão (DPPL, nº 58).

Podemos encontrar elementos positivos e negativos na piedade, o que implica que o “catolicismo popular seja assumido, purificado, completado e dinamizado pelo Evangelho” (DP, nº 457). Os aspectos negativos pontuados pelas Conferências de Puebla (nº 456) e Aparecida (nº 262) são:

Superstição, magia, fatalismo, idolatria do poder, fetichismo e ritualismo. [...] arcaísmo estático, falta de informação e ignorância, reinterpretação sincretista, reducionismo da fé a um mero contrato na relação com Deus. [e depois são anotadas ameaças:] secularismo, consumismo, seitas, religiões orientais agnósticas (DP, nº 456 *apud* SOUZA e SBARDELOTTI, 2019, p. 277).

A prática devocional dos fiéis ao Sagrado Coração de Jesus, como também aos santos e santas, pode facilmente cair em erros por falta de conhecimento sobre a vida, espiritualidade, origem, base litúrgica, bíblica e patrística, conduzindo a um devocionismo no qual a vida e presença de Cristo e dos santos deixam de ser indicadas como um caminho de fidelidade à Palavra e de seguimento a Jesus. Esses erros conduzem à prática de “barganha”, na qual busca-se aquela devoção apenas para conseguir o milagre, sem compromisso de vida com a comunidade, na prática da misericórdia e amor ao próximo ou empenho no discipulado (SILVA, 2024, p. 203).

O devocionismo, que segundo César (1975 *apud* GALVÃO e RATIS, 2001, p. 4) é o exagero de uma religiosidade defeituosa, contribui ligeiramente para um distanciamento do evangelho. Como exemplo disso, ao questionar pessoas que se dizem devotas do Coração de Jesus e até pertencentes a movimentos que fomentem esta devoção sobre o significado da imagem ou ícones com as características da Paixão, não fazem relação com os trechos retratados nos Evangelhos, ou ainda, não compreendem que é uma devoção ao próprio Jesus, Verbo encarnado e segunda pessoa da Santíssima Trindade. Por vezes, ouvimos até mesmo de clérigos: “Sagrado Coração de Jesus, rogai por nós”.

Constatamos isso, ao observar no canto “Ao Coração de Jesus” presente nas edições de números 71 (2005, p. 194) e 88 (2013, p. 202) do Manual do Coração de Jesus, no qual, a primeira estrofe nos conduz a chamar a Jesus de Pai, gerando confusão na missão e pessoa de Jesus¹³. Consta assim: “Jesus amável, Jesus piedoso, Pai amoroso, frágua de amor. A teus pés venho, se tu me deixas, sentidas queixas, humilde expor”. Já na 94ª edição (2019, p. 215) do mencionado Manual, nota-se uma alteração que deixa clara a divindade do Verbo encarnado: “Jesus amável,

¹³ CIC, nº 240: “Jesus é o Filho eterno de Deus, a segunda pessoa da Trindade. Ele se fez homem e nasceu da Virgem Maria.”

Jesus piedoso, Deus amoroso¹⁴, fonte de amor. A teus pés venho, se tu me deixas, sentidas queixas, humilde expor”.

A linguagem da piedade popular é caracterizada por expressões corporais, gestuais e simbólicas, como o costume de beijar ou tocar com as mãos as imagens, relíquias e objetos sagrados. Esses costumes, por vezes herdados dos pais ou avós, expressam de forma simples e direta o desejo de manifestar exteriormente o sentir do coração e, sem essa interioridade, corre-se o risco de que essas expressões corporais se degradem em costumes vazios e na superstição (DPPL, nº 15).

O uso de imagens pela piedade popular é muito significativo, mas é preciso que os fiéis tenham consciência de que, ao prestar honra a imagem, nos dirigimos a pessoa representada (DPPL, nº 18). Um dos costumes dentre os devotos do Sagrado Coração de Jesus é a entronização de sua imagem ou ícone nos lares. Contudo, observa-se falta de formação e catequese para que os fiéis compreendam o real sentido da prática desta entronização, não tendo apenas como um objeto de barganha ou amuleto, mas como modelo de vida e recordação do imenso amor e sua presença continua ao nosso lado.

3.3. Da devoção popular ao culto oficial

Embora a devoção ao Sagrado Coração de Jesus tenha fundamentos nas fontes da Revelação, tais como: Sagrada Escritura e Tradição, nota-se no desenrolar da história que, o “culto tributado ao amor de Deus e de Jesus Cristo, através do símbolo do Coração transfixado do Redentor nunca esteve completamente ausente da piedade dos fiéis” (HA, nº 56). De diversas maneiras, “o Coração de Cristo esteve presente na história da espiritualidade cristã. Na Sagrada Escritura e nos primeiros séculos da Igreja, aparece sob a figura do lado ferido do Senhor, quer como fonte de graça, quer como apelo a um encontro íntimo de amor”. Gradualmente, esta devoção, foi se difundindo de modo público entre o povo cristão, por intermédio de muitos santos, até nossos tempos, e obteve a aprovação oficial da Igreja, tomando forma de um verdadeiro culto ao Coração do Senhor (DI, nº 78).

Conforme Adam (2019, p. 127) e Augé (2019, p. 270), nos Padres da Igreja, iluminados pelo evangelho joanino (por exemplo, Jo, 7, 37; 19, 34), encontramos as

¹⁴ CIC 464: "Jesus Cristo, o Filho único do Pai, é ao mesmo tempo verdadeiro Deus e verdadeiro homem. [...] Na sua pessoa, a divindade e a humanidade estão unidas sem confusão nem separação."

primeiras manifestações de um culto ao Sagrado Coração de Jesus. Também alguns teólogos da Idade Média, isoladamente já no século XII (Anselmo de Cantuária, Bernardo de Claraval), mas sobretudo no século XIII (como por exemplo, Alberto Magno, Boaventura), inspirados nos Padres da Igreja, também promovem com afinco o culto “ao coração de Cristo crucificado, transpassado pela lança”. Foi notadamente a corrente mística dos séculos XIII e XIV que deu grande impulso a esta devoção, e assim, “organizando-se distintamente da paixão, e no lugar do crucificado, entrou a iconografia do coração destacado da pessoa de Cristo, ou então, visível no peito aberto” (AUGÉ, 2019, p. 270), através de personalidades marcantes, como Santa Matilde de Magdeburgo (1207-1282), Santa Gertrudes de Helfta (1256-1302), e Beato Henrique Suso (1295-1366). Posteriormente, a “*Devotio moderna*” (devoção moderna) e, no século XVI, a Companhia de Jesus se ocupou de modo particular com a propagação do culto ao Coração de Jesus.

No século XVII, a “devoção ao Coração de Cristo transcendeu gradualmente a vida monástica e encheu a espiritualidade de santos mestres, pregadores e fundadores de congregações religiosas que se difundiram nas regiões mais remotas da terra” (DI, nº 112). Por intermédio do oratoriano São João Eudes (1601-1680), em 20 de outubro de 1672, foi celebrado o primeiro ofício litúrgico, composto por ele e aprovado pelo arcebispo de Ruão, por diversos bispos franceses e pelo papa Clemente X, em 1674, sendo essa a primeira vez que Roma reconheceria a devoção já popular ao Coração de Jesus (CARDOSO, 1989, p. 24).

O intróito solene da missa era o seguinte: “Alegremo-nos todos no Senhor, celebrando o dia festivo em honra do Coração do amantíssimo Redentor nosso Jesus Cristo, cujo amor os Serafins adoram, salmodiando em conjunto: eis Aquele cujo império permanece eternamente” (CARDOSO, 1989, p. 24).

Entre 1673 e 1675, a visitandina do Mosteiro de Paray-le-Monial, Santa Margarida Maria Alacoque (1647-1690) teve diversas visões “nas quais Cristo lhe ordenou que ela envidasse todo o esforço em favor da introdução de uma festa do Coração de Jesus na sexta-feira imediata à oitava do Corpo de Deus e da prática das nove primeiras sextas-feiras do mês em honra do Coração de Jesus, bem como a Hora Santa” (ADAM, 2019, p.128).

A tentativa de introduzir a nova devoção na liturgia encontrou grandes resistências em Roma, por quase 100 anos, sobretudo de natureza teológica (AUGÉ, 2019, p. 270).

Entre as oposições, decepção maior foi a recusa do culto oficial ao Sagrado Coração, pedido pelas Visitandinas em 1667 à Congregação dos Ritos. Entretanto, em 19 de maio de 1663, dois anos após a morte de Santa Margarida Maria Alacoque, um breve do papa Inocêncio XII concede indulgência plenária às pessoas que comungarem na sexta-feira depois da oitava do Santíssimo Sacramento, em alguma igreja da Visitação. Em 1697, quatro anos depois, a rainha desterrada da Inglaterra, esposa de Jaime II, a antiga duquesa de York, a dirigida de São Cláudio la Colombière, pede ao mesmo Papa a festa litúrgica do Coração de Jesus. É concedida apenas a missa das Cinco Chagas, que para os fiéis se torna a missa do Coração de Jesus, que solenemente se celebra na oitava do Corpo de Deus nas Igrejas da Visitação (CARDOSO, 1989, p. 26).

Conforme Cardoso (1989, p. 26), no século XVIII, após a peste de Marselha e do voto ao Coração de Jesus (1720), o culto litúrgico é admitido por parte de muitos bispos franceses que enviam, juntamente aos bispos e reis poloneses e espanhóis, um novo pedido ao Papa para a aprovação da missa e ofício em âmbito universal; apesar dos esforços encontra nova recusa.

Mesmo em meio a tantas recusas, os papas Inocêncio XIII e Bento XIII, continuam a prestigiar com indulgências as confrarias que se fundam por toda a parte em honra do Coração de Jesus: em 1698 são 18; no ano seguinte, são 28 e logo depois, mais de 100 (CARDOSO, 1989, p. 26).

Por decreto de 25 de janeiro de 1765, aprovado pelo papa Clemente XIII, a 6 de fevereiro do mesmo ano, a Sagrada Congregação dos Ritos concedeu aos bispos poloneses e a arquiconfraria romana do Sagrado Coração a faculdade de celebrar a dita festa litúrgica (HA, nº 53). Os textos litúrgicos aprovados, inspirados no livro Memorial, de autoria do padre Gallifet, foram compostos por monsenhor Bruzzi e o padre Calvi, jesuíta, não deixam explícito o caráter reparador (CARDOSO, 1989, p. 27).

Com esse ato, quis a Santa Sé que tomasse novo incremento um culto já em vigor, cujo fim era reavivar simbolicamente a lembrança do amor divino que levara o Salvador a fazer-se vítima de expiação pelos pecados dos homens (HA, nº 53).

Importante ressaltar que para aprovação do culto ao Sagrado Coração de Jesus, a Igreja não se fundamentou nas revelações particulares dos santos, mesmo

que, como vimos anteriormente, “essa devoção tomou forte impulso depois que o próprio Senhor revelou o mistério divino do seu Coração à Santa Margarida Maria Alacoque. Constatamos isso ao verificar que a aprovação da festa litúrgica pela Sé Apostólica é anterior a aprovação dos escritos de Santa Margarida Maria” (HA, nº 51-53).

Passados um século desta primeira aprovação, dada em forma de privilégio e limitadamente, atendendo ao pedido dos bispos da França e de muitos outros países, por decreto da Sagrada Congregação dos Ritos, de 23 de agosto de 1856, aprovado por Pio IX, a festa do Coração Sacratíssimo de Jesus foi estendida para a toda a Igreja, a ser celebrada obrigatoriamente, fixando-a na terceira sexta-feira depois de Pentecostes (AUGÉ, 2019, p. 270). Este fato merece ser recomendado à lembrança de todos os fiéis, pois, como vemos escrito na própria liturgia da festa, “desde então, o culto do Sacratíssimo Coração de Jesus, semelhante a um rio que transborda superou todos os obstáculos e difundiu-se pelo mundo todo” (HA, nº 54).

Estas aprovações serviram de grande estímulo para reflorescimento das arquiconfrarias, confrarias e outras associações de piedade e apostolado, fundamentadas nessa espiritualidade (CARDOSO, 1989, p. 29).

Dentre as associações, vale ressaltar o Apostolado da Oração, fundado em 03 de dezembro de 1844 pelo jesuíta, padre Francisco Xavier Gautrelet, no seminário da Companhia de Jesus em Vals – França - que exortou aos estudantes seminaristas, animados de zelo pelas missões, como as orações e sacrifícios poderiam levar o preciosíssimo auxílio àqueles que trabalhavam na vinha do Senhor e sugeriu uma organização para difusão dessas intenções, dando o nome de “Apostolado da Oração”. Em 1849, o Bispo de Le Puy, indo a Roma, apresenta ao Papa Pio IX o novo movimento que surgiu em Valls. Impressionado, o Papa, de imediato aprova o movimento sem nenhuma objeção. Em 1880, o Papa Leão XIII pediu ao Apostolado da Oração que rezasse por suas intenções e, posteriormente, para cuidar da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que é na verdade estar atentos aos sentimentos mais profundos do coração de Cristo para com a humanidade e querer viver como ele viveu. A partir daí surgiram as três atitudes que são: oferecimento do dia ao Coração de Jesus, rezar pelas intenções do Papa e avaliação diária de vida. Essas práticas

não caracterizavam uma simples devoção, mas vivência de amor, de reparação, de consagração à causa da fé¹⁵ (Manual do Coração de Jesus, 2019, p. 9-10).

Conforme Augé (2019, p. 270), com o decreto de 28 de junho de 1889, o papa Leão XIII, elevou a festa a rito de “primeira classe”, e em sua encíclica *Annum Sacrum*, de 25 de maio de 1899, ordenava que todo o gênero humano fosse consagrado ao Sacratíssimo Coração de Jesus, com fórmula própria de sua autoria. A liturgia da festa do Coração de Jesus, pela encíclica *Miserentissimus Redemptor*, de 25 de maio de 1928, do Papa Pio XI, foi elevada ao grau de “dupla classe com oitava”, e ordenava que se recitasse em todas as igrejas o ato de reparação ao Coração de Jesus.

3.4. O culto ao Sagrado Coração de Jesus no magistério

3.4.1. Encíclica *Annum Sacrum*, de Leão XIII

A Carta Encíclica *Annum Sacrum*, do latim: Ano Santo, acerca da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, do papa Leão XIII, publicada em 25 de maio de 1899, no contexto de preparação para o jubileu de 1900, trata sobre a devoção, a consagração do gênero humano ao Sagrado Coração de Jesus e sua importância para a salvação e a proteção da Igreja.

Leão XIII afirma que, sua principal intenção era ratificar essa consagração que já vinha sendo solicitada¹⁶ desde o pontificado de Pio IX (AS, nº 3), e ordena que nos dias nove, dez e onze do mês de junho do mesmo ano, na igreja principal de cada cidade e vila, fosse rezada a oração de consagração por ele composta (ANEXO C), acrescida da Ladainha do Sagrado Coração, por ele aprovada (AS, n. 14). Reafirmou a importância dessa consagração como um meio de proteger a humanidade das dificuldades e tentações do mundo moderno (AS, nº 10).

¹⁵ No Brasil, o Apostolado da Oração chegou através de dois missionários jesuítas: Pe. Bento Schembri, que fundou em Recife o primeiro centro, em 1867, mas ainda muito tímido. Em 1871, em Itu, o Pe. Bartolomeu Taddei fundou o centro do Apostolado da Oração que se espalhou por todo o país.

¹⁶ Antes ainda do pedido de Leão XIII, a Diocese de São Paulo, sob episcopado de Dom Lino Deodato, por determinação expressa em carta pastoral de 26 de agosto de 1884, foi solenemente consagrada ao Sagrado Coração de Jesus. Dom Lino, no seu pastoreiro, deu fundamental importância à devoção ao Sagrado Coração de Jesus, chamando para trabalharem na paróquia homônima os padres salesianos, que também foram solicitados a difundir a devoção entre os diocesanos (SOUZA, 2004, p. 350).

3.4.2. Encíclica *Miserentissimus Redemptor*, de Pio XI

Em 08 de maio de 1928 é publicada a Encíclica *Miserentissimus Redemptor*, do latim: Misericordioso Redentor, sobre a expiação que todos devem ao Sagrado Coração de Jesus, de Pio XI, na qual convocava todos ao dever de desagravo e reparação ao Coração de Jesus (EMR, nº 5-8), afirmando seu culto como uma síntese de toda a religião e regra de vida mais perfeita (EMR, nº 1-2).

Pio XI recorda todas as associações cujo carisma é enraizado na espiritualidade do Coração de Jesus e as incentiva (EMR, nº 13), valoriza o ato de consagração do gênero humano de Leão XIII, fixando-o para a festa de Cristo Rei (EMR, 4) e recomenda a prática da comunhão na primeira sexta-feira de cada mês (EMR, nº 9).

A festa do Sacratíssimo Coração de Jesus é elevada ao grau litúrgico de dupla primeira classe com uma oitava, e ordena que nesta festividade, se recite solenemente em todas as igrejas do mundo, o ato de reparação ao Coração de Jesus (ANEXO D). Recorda que o espírito de expiação ou desagravo foi sempre parte principal do culto tributado ao Coração de Cristo e é por certo a prática mais condizente com a história, natureza, eficácia e índole deste culto, segundo demonstram relatos, praxe dos fiéis, a sagrada liturgia e os atos dos Sumos Pontífices (EMR, nº 13-14).

3.4.3. Encíclica *Haurietis Aquas*, de Pio XII

Na comemoração do primeiro centenário da extensão da festa do Sagrado Coração de Jesus, autorizada por Pio IX, é publicada aos 15 de maio de 1956, a Encíclica de Pio XII intitulada *Haurietis Aquas*, do latim: Haurireis águas, sobre o Culto ao Sagrado Coração de Jesus, que traz uma fundamentação histórico-teológica da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Segundo Cardoso (1989, p. 31), nesta encíclica, o papa traz um completo estudo sobre a espiritualidade do culto ao Coração de Jesus, inclusive demonstrando o desenvolvimento histórico, desde os textos da Sagrada Escritura, em que ela se funda, até os comentários dos Santos Padres e Doutores que marcam a tradição da Igreja; desde as primeiras aprovações do culto, ainda com permissão para celebração privada, até a extensão da festa para toda a Igreja, por Pio IX e a aprovação e incentivo dos papas posteriores.

O autor ainda explica que a encíclica traz a definição da espiritualidade desta devoção, que não se limita a simples práticas devocionais, mas exige verdadeira consagração, sentido profundo de desagravo, amor apaixonado pela Eucaristia, sem esquecer o Coração de Maria que esteve ao lado de Jesus nas maiores manifestações de seu amor.

3.4.4. Carta apostólica *Investigabiles Divitias Christi*, de Paulo VI

Em 1965, ano da conclusão do importante Concílio Vaticano II, comemorava-se o segundo centenário da primeira aprovação da festa do Coração de Jesus em favor da Polônia, das Visitandinas e outras localidades. O Papa Paulo VI, no dia 06 de fevereiro do mesmo ano, publica a Carta Apostólica *Investigabiles Divitias Christi*, do latim: as inumeráveis riquezas de Cristo, sobre o segundo centenário da instituição da festa em honra ao Sagrado Coração de Jesus.

Nesta carta, Paulo VI expressa seu desejo de que o Sagrado Coração de Jesus seja honrado por uma participação mais intensa no sacramento da Eucaristia, e incentiva a um reavivamento na prática da devoção aos que deixaram esmorecer o fervor tido antes.

Como o Sacrossanto Concílio Ecumênico recomenda insistentemente os atos piedosos do povo cristão, sobretudo quando efetuados por vontade da Sé Apostólica, esta forma de devoção parece que deve ser mais inculcada do que as outras, porque, segundo dissemos antes, consiste unicamente na adoração e na reparação prestadas devidamente a Cristo e funda-se principalmente no sacrossanto mistério da Eucaristia, do qual, como aliás das outras ações litúrgicas, se obtém a santificação dos homens em Cristo com a consequente glorificação de Deus, objetivo para o qual tendem todas as ações da Igreja (Carta Apostólica *Investigabiles Divitias Christi*, 1965).

Conforme Ryan (1995, p. 116), Paulo VI contava essa devoção entre as fórmulas populares de piedade que o Concílio Vaticano II queria promover, por ter como objeto de culto, o próprio Cristo, Rei e centro de todos os corações, explicitando que este culto está em sintonia com a liturgia, porque é precisamente no Coração de Jesus que a liturgia tem sua origem e sua vida; deste coração o sacrifício de expiação elevou-se ao Pai eterno.

3.4.5. Encíclica *Dilexit nos*, de Francisco

A encíclica intitulada *Dilexit nos*, do latim “Amou-nos”, anunciada pelo Papa Francisco em 5 de junho de 2024 e publicada oficialmente em 24 de outubro desse mesmo ano, às vésperas da celebração do primeiro jubileu ordinário do terceiro milênio, marca a comemoração dos 350 anos das aparições do Sagrado Coração de Jesus à Santa Margarida Maria Alacoque, em 1673.

Como expresso pelo próprio autor, esta encíclica, quarta de seu pontificado, permite-nos observar o que está escrito nas encíclicas anteriores de cunho social, uma vez que o amor de Cristo fundamenta o cuidado com a criação (*Laudato si'*) e o convívio fraterno entre todos os seres humanos (*Fratelli tutti*) (DI, nº 217).

Organizada em 5 capítulos, Francisco discorre a temática desenvolvida em 220 parágrafos que contextualizam o amor de Jesus numa época desafiadora (1º capítulo); definem o objeto de interesse do texto, o Sagrado Coração (2º capítulo); recuperam bíblica, teológica e historicamente a devoção ao Coração de Cristo (3º capítulo); e apresentam o amor do Coração de Jesus como fonte de espiritualidade (4º capítulo) e de prática sócio-missionária (5º capítulo) (FERREIRA, 2024, p. 125).

Há, portanto, uma linha de raciocínio que insere o leitor no ambiente cultural que tensiona o assunto - o mundo que parece ter perdido o coração -, esclarece a natureza do Coração de Jesus, e explica como sua devoção se consolidou na Igreja, apresentando de que forma ela é atual e necessária para a mística e o apostolado cristãos no século XXI (FERREIRA, 2024, p. 125).

Conforme Xavier (2024, p. 6), nesta encíclica, Francisco traz ao leitor uma análise da atual sociedade líquida, caracterizada pela superficialidade e desumanização, que domina a cultura contemporânea, que escolheu viver sem coração, e propõe o “Coração de Jesus” como um contrapeso ao *ethos* “anticoração”, insistindo na necessidade de retornar ao centro da pessoa: o “coração”, e assim, recuperar um sentido profundo de existência e amor.

O Papa enfatiza a centralidade da experiência do Coração de Jesus como um caminho de cura e transformação, tanto pessoal quanto social, sugerindo que a verdadeira espiritualidade é encontrada no encontro com Cristo, cujos gestos e palavras de amor oferecem um modelo de ação concreta e sólida. *Dilexit nos* reforça a importância da devoção ao Sagrado Coração como um meio de restaurar a humanidade a partir do amor incondicional de Cristo (XAVIER, 2024, p. 6).

3.5. As origens eucológicas

Conforme Beckhäuser (2004, p. 155), a Igreja sempre celebrou segundo a ordem do Cristo: “Fazei isso em memória de mim” (Lc 22,19; 1Cor 11,25), mas cada Igreja foi celebrando o Mistério Pascal de Cristo a sua maneira, levando em consideração um núcleo essencial para a sua celebração, surgindo assim textos de orações, formulários e preces. “Os Padres da Igreja dos primeiros séculos dão testemunho da centralidade e importância da Eucaristia para a vida da Igreja, porém, no que diz respeito ao dado litúrgico propriamente dito, será com Justino (100-165) que se encontrará uma primeira descrição de uma assembleia litúrgica.” No decorrer dos primeiros séculos, nos grandes centros cristãos, foram-se elaborando livros para uso litúrgico, surgindo assim os diversos ritos. Estas coleções de fórmulas, orações e hinos constituem a eucologia de cada rito.

Embora exista o vocábulo, o termo eucologia¹⁷ não é muito conhecido na língua portuguesa e muitos dicionários ainda não a reconhecem, preferindo utilizar-se de termos derivados dele, como eucológico ou eucológico (MESQUITA, 2012, p. 14).

Em sentido menos próprio, porém, já em uso corrente, a eucologia é o conjunto das orações contidas em um formulário litúrgico, em um livro ou, em geral, nos livros de uma tradição litúrgica. O conjunto desses textos se chama também, depósito eucológico (AUGÉ, 2002, p. 415).

A liturgia é um colóquio entre Deus e seu povo, entre Cristo e sua Esposa (SC, nº 84). Podemos compreender que a oração litúrgica consiste no diálogo da comunidade que se reúne em assembleia com o Pai, por Jesus Cristo, no Espírito Santo. O caráter simbólico-sacramental, a estrutura trinitária e comunitária, a dimensão rememorativa, bendicional e atualizadora, que tem toda oração litúrgica, transformam-na num verdadeiro sinal sagrado que possui eficácia não superada por nenhuma outra forma de oração (FERNÁNDEZ; RUSSO, 2005, p. 218).

O culto da Igreja nasceu na vivência pascal dos primeiros cristãos que se reuniam para fazer a memória da redenção alcançada por meio de Jesus Cristo, realizada principalmente através de sua paixão, morte e ressurreição. Os textos litúrgicos foram criados pela Igreja como caminho para a compreensão do Mistério

¹⁷ “A palavra eucologia é um neologismo proveniente de duas palavras gregas: εὐχή (euché) = oração e λόγος (logos) = discurso, palavra, ciência, que juntas formam a palavra eucologia, que significa a ciência que estuda a oração. Trata-se da ciência que estuda o fazer da oração ou a feitura dela e as leis que a regem e a governam quando o assunto é a sua formulação” (MESQUITA, 2012, p. 14).

Pascal de Cristo, que celebramos em todas as celebrações litúrgicas. Desta forma, por meio da palavra escrita, ou seja, dos textos, entramos em contato com a realidade do Mistério da Salvação. Partindo desta premissa, compreendemos que o estudo da liturgia é essencialmente o estudo dos seus textos eucológicos, que conduz o fiel a uma maturidade de conhecimento, portanto, intelectual, e “a uma maturidade de vida, prática, enquanto se esforça para viver aquilo que celebra. A liturgia, nesse campo, possui uma função educativo-pedagógica, que conduz progressivamente o cristão à plenitude de Cristo” (MESQUITA, 2012, p. 28).

A celebração do Mistério Pascal constitui o alicerce teológico para a compreensão da santificação do tempo na tradição cristã. A ação salvífica de Deus perpassa a realidade humana, comunicando-lhe seus dons e frutos, os quais expressam, de modo singular, sua natureza relacional: a Comunhão. Neste contexto, o ser humano é resgatado e inserido no Coração de Jesus Cristo, porta aberta no alto da cruz, que lhe possibilita o acesso ao mistério da eternidade.

No estudo das orações, costuma-se dividir a eucologia em: eucologia maior, que corresponde às orações mais longas e complexas, como os prefácios, as preces eucarísticas, as orações de ordenação, bênção ou consagração, as bênçãos solenes da missa; e eucologia menor, que corresponde as orações de coleta, sobre as oferendas, pós-comunhão, sobre o povo, conclusivas das horas do ofício, sálmicas, dentre outras (FERNÁNDEZ; RUSSO, 2005, p. 219-220).

3.5.1. Oração coleta

Dentre a eucologia menor, está a oração coleta, a mais importante dessa classe. Sua variedade, em função das diversas celebrações, enfatiza a incidência que ela tem no formulário litúrgico de um tempo ou de um dia particular (FERNÁNDEZ; RUSSO, 2005, p. 224).

A riqueza da história e do conteúdo da oração da coleta mostra também que ela é uma oração inclusiva, ou seja, nela a comunidade toda está incluída no que se refere à comunhão que deve acontecer entre o sacerdote e a assembleia, de tal modo, que todos formem um só coação e uma só alma (MESQUITA, 2012, p. 17).

Após o convite ao povo a rezar, e se conservarem em silêncio, tomando consciência de que estão na presença de Deus e formulando suas intenções pessoais, a coleta recolhe as intenções dos fiéis numa única oração, dirigida a Deus

Pai, por Cristo, no Espírito Santo, a qual, o povo unido à súplica, faz sua a oração pela aclamação Amém (IGMR, 54).

A coleta da missa, além de ser a única que possui conclusão longa, é fórmula que pode mudar quando a oração sobre as ofertas e a oração depois da comunhão permanecem invariáveis por várias semanas. (...) Algumas festividades oferecem-nos até duas coletas à escolha. (...) Função específica da coleta da missa é, pois, a de criar o ambiente espiritual em que a assembleia reunida se sinta estimulada a escutar a palavra de Deus e a celebrar a eucaristia; por isso, a coleta, não raro exprime, muito sinteticamente, um pensamento central da festa do dia ou de determinado tempo litúrgico (AUGÉ, 2002, p. 422).

Conforme Fernández e Russo (2005, p. 224), a oração coleta pode conter os seguintes elementos estruturais: Invocação de benção ou louvor; evocação ou anamnese da obra salvífica; petição ou súplica; conclusão doxológica.

3.5.2. Oração sobre as oferendas

Mesquita (2012, p. 18) diz que esta oração em tempos remotos era proferida pelo presidente da celebração em voz baixa e depois passou a ser feita em silêncio. Nos territórios de rito franco, no século VIII já era feita em silêncio; nas missas do rito milânes é feita em voz alta até hoje e no rito romano, desde o século VIII até o Concílio Vaticano II, em silêncio.

Conforme Fernández e Russo (2005, p. 225), de origem tipicamente romana, esta oração contribui para compor a eucologia específica da celebração eucarística, se referindo diretamente a ele, tendo a função de concluir a preparação dos dons e de servir de introdução para a Oração Eucarística.

Toda a tradição romana de sacramentários afirma que a oração sobre as oferendas não é apenas formulada no plural, a partir da comunidade porque é uma oração comunitária: *offerimus, immolamus, munera nostra, oblationis Populi tui*, (oferecemos, imolamos, nossa oferta, oblação do teu povo) mas também que ela é dirigida a Deus e encerrada com *Per Dominum*. Ainda o missal de Pio V não conhecia nenhuma exceção desta regra (JUNGMANN, 2009, p. 565 *apud* MESQUITA, 2012, p. 18).

Como a oração coleta, sua estrutura também é composta por: invocação, evocação, petição e conclusão (FERNÁNDEZ E RUSSO, 2005, p. 226).

3.5.3. Oração depois da comunhão

Implorando os frutos do mistério celebrado, a oração depois da comunhão completa a oração do povo de Deus encerrando o rito da comunhão. O povo, faz sua oração, pela aclamação Amém (IGMR, nº 89).

Conforme Fernández e Russo (2005, p. 226), esta oração mencionada nos textos mais antigos como parte da estrutura da missa estabelece uma relação direta com o sacrifício eucarístico celebrado¹⁸ de duas formas: pela unidade de toda a celebração ou se referindo à comunhão eucarística de forma expressa.

3.5.4. Prefácio

Fernández e Russo (2005, p. 220), sobre o prefácio, enfatizam que é a primeira parte da prece eucarística e expressa a Ação de graças, glorificando a Deus Pai e lhe rendendo graças por toda a obra da salvação, ou ainda, pelo que se celebra no dia ou no tempo litúrgico.

Inicia-se com um diálogo que também foi chamado de prefácio por um determinado momento. Neste período, os prefácios eram numerosos, depois, foram reduzidos. Com a nova edição do missal romano após o Concílio Vaticano II, foram novamente multiplicados (MESQUITA, 2012, p. 21). A terceira edição típica do missal romano, atualmente em uso, foi enriquecido com 12 novos prefácios.

Mesquita (2012, p. 21) afirma que o prefácio consta de três partes, independentemente do diálogo inicial: Protocolo inicial ou exórdio; enredo e protocolo final ou conclusão.

Os protocolos inicial e final admitem uma grande variedade. O protocolo inicial precede a parte variável do prefácio, que, partindo da última resposta do diálogo introdutório: “Na verdade, é justo e necessário...”, amplifica o louvor. É importantíssimo o modo pelo qual o protocolo inicial cede lugar ao enredo. Quando no prefácio só se fala das obras de Deus, o protocolo inicial termina com a menção “Deus todo-poderoso e eterno”; porém, falando-se de Cristo, acrescenta-se “por Cristo, Senhor nosso”. O enredo é parte peculiar e original do prefácio. Trata-se do bloco sempre variável, no qual se especifica o “motivo” particular da ação de graças da celebração. É por isso que podemos dizer que ela dá o “tom” a esta última. São dadas graças pelo mistério celebrado, ou, em geral, pelos grandes acontecimentos (*os mirabilia Dei*) da História da Salvação. Costuma ser construído sobre frases paralelas,

¹⁸ Diferente das orações sobre as oferendas, que costuma explicitar-se o aspecto sacrificial da Eucaristia, as orações depois das comunhões, enfatizam antes seu aspecto convivial, de participação num banquete sagrado. A ação ritual é expressa por verbos com significação de comer ou beber (Fernández e Russo, 2005, p. 226).

sucessivas por vezes, antitéticas em outras, mas sempre encadeadas. A última oferece a motivação última do louvor, de maneira que o protocolo final se liga com a expressão explicativo-causal: “Por isso...” O protocolo final é a parte conclusiva do prefácio cuja função consiste em conectar o enredo com o “Santo”, integrando o louvor terreno ao grandioso louvor celestial dos anjos e dos bem-aventurados, e ainda ao cântico de louvor que ressoa em toda a criação (FERNÁNDEZ e RUSSO, 2005, p. 221).

3.6. A eucologia do Sagrado Coração de Jesus no missal do Concílio Vaticano II

A Liturgia das horas e a missa do Sagrado Coração de Jesus, desde a sua primeira autorização, sofreu várias revisões. O formulário *Cogitationes*, promulgado em 1929, por Pio XI, dava novo conteúdo aos textos litúrgicos desta missa, e esteve em vigor até 1968 (AUGÉ, 2019, p. 271). O breviário romano e o missal, revisados de acordo com as reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), como uma das respostas pretendidas para a atuação da reforma litúrgica pós-conciliar, constituem a etapa final da elaboração da liturgia desta solenidade (RYAN, 1995, p. 106).

Este missal, foi promulgado em sua edição típica após sete anos da promulgação da Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, no ano de 1970, por autorização do Papa Paulo VI, seguindo o princípio de favorecer uma maior participação da assembleia na ação litúrgica¹⁹ (MACIEL, 2023, p. 25).

Em 1975, foi publicada a segunda edição do missal de 1970, com o objetivo de adaptá-lo ao novo ordenamento dos ministérios, uma vez que o Papa Paulo VI havia reformado as Ordens Menores e criado os Ministérios Instituídos²⁰. Já a terceira edição típica, atualmente em vigência, foi aprovada no ano 2000 pelo Papa João Paulo II, sendo publicada em latim, no ano de 2002, em acordo com as novas disposições do Código de Direito Canônico de 1983. Em língua portuguesa e para o Brasil, a terceira edição típica teve a sua publicação pela Conferência Nacional dos Bispos do

¹⁹ Para assegurar toda esta eficácia, é necessário que os fiéis participem a sagrada Liturgia com reta intenção e boa disposição de ânimo, que coloquem sua alma em sintonia com as palavras que pronunciam, e colaborem com a graça de Deus a fim de não a receber em vão (2Cor 6,1). Por esta razão, os pastores da Igreja devem vigiar para que, nas ações litúrgicas, não só se observem as leis que lhe assegurem a válida e lícita celebração, mas também que os fiéis possam participar delas de forma consciente, ativa e frutuosa (SC, n° 11).

²⁰ Conforme Carta Apostólica em forma de Motu Próprio *Ministeria quaedam*, sobre a reforma disciplina da Prima Tonsura, das Ordens Menores e do Subdiaconado, publicada em 15 de agosto de 1972 pelo Papa Paulo VI.

Brasil em 2023, após 19 anos de trabalho da Comissão Episcopal para a Liturgia e da Comissão Episcopal para os Textos Litúrgicos (CETEL) (MACIEL, 2023, p. 28-29), passando a ser de uso obrigatório para todas as comunidades do Brasil em 03 de dezembro de 2023, primeiro domingo do Advento.

Os textos da missa da solenidade do Sagrado Coração de Jesus na terceira edição típica do missal, conforme analisado no ANEXO E, são em parte aqueles mesmos que abade beneditino H. Quentuin compilou em 1928 por ordem e colaboração pessoal do Papa Pio XI, que o promulgou no ano seguinte. Os antigos formulários eram caracterizados, de modo particular, pela paixão de Cristo pela mística do Cântico dos Cânticos. A oração sobre as oferendas, Pio XI evidência a ideia de reparação (ADAM, 2019, p. 129). A segunda opção da Coleta que encontramos na terceira edição típica do missal romano, também evidência a necessidade de reparação.

3.6.1. Oração coleta na solenidade do Sagrado Coração de Jesus

No formulário da missa na solenidade do Sagrado Coração de Jesus na terceira edição do Missal Romano, nota-se a presença de duas coletas e o texto reelaborado da oração depois da comunhão. Fala-se de reparação e expiação dos pecados, conceitos advindos do ambiente devocional em que nasceu essa solenidade. A nova coleta indica como objeto da celebração as grandes obras do amor do Filho de Deus pela humanidade (AUGÉ, 2019, p. 271). Na primeira coleta, é dito:

Ó Deus todo-poderoso, alegrando-nos com a solenidade do Coração do vosso amado Filho, recordamos os grandes benefícios do seu amor para conosco. Concedei que mereçamos receber desta fonte divina uma torrente de graças. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos (MR, p. 422).

Invocação: Ó Deus todo-poderoso,

Anamnese da obra salvífica: alegrando-nos com a solenidade do Coração do vosso amado Filho, recordamos os grandes benefícios do seu amor para conosco.

Petição: Concedei que mereçamos receber desta fonte divina uma torrente de graças.

Conclusão: Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

Conforme Urtasun (1995, p. 355-358, tradução nossa), a anamnese da obra salvífica nos convida a alegrarmo-nos com a solenidade do Coração de Jesus, podemos assim fazer relação com o Salmo 34, que é um cântico à bondade e à ternura do amor do Senhor: “Bendirei o Senhor em todo tempo, seu louvor estará sempre nos meus lábios. Engrandecei ao Senhor comigo, juntos exaltemos o seu nome”. Ainda somos impelidos a recordar os grandes benefícios do amor do Coração de Jesus para conosco, lembrando a carta de São Paulo aos Efésios (3, 8), quando fala à comunidade das riquezas insondáveis de Cristo: “A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo”. É missão do cristão hoje, com humildade e gratidão, recordar e proclamar as imensuráveis riquezas de Cristo.

O autor ainda lembra a petição de torrente de graças por meio da fonte divina do Coração de Jesus e nos remete ao evangelista João, quando diz que da plenitude de Jesus “todos nós recebemos graça por graça” (Jo 1, 16).

A segunda opção de coleta, encontramos assim:

Ó Deus, no Coração do vosso Filho ferido por nossos pecados vos dignais em vossa misericórdia abrir-nos infinitos tesouros de amor. Concedei, nós vos pedimos, que, prestando-lhe nossa fervorosa homenagem de piedade, cumpramos também o dever de uma digna reparação. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos (MR, p. 422).

Invocação: Ó Deus,

Anamnese da obra salvífica: no Coração do vosso Filho ferido por nossos pecados vos dignais em vossa misericórdia abrir-nos infinitos tesouros de amor.

Petição: Concedei, nós vos pedimos, que, prestando-lhe nossa fervorosa homenagem de piedade, cumpramos também o dever de uma digna reparação.

Conclusão: Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.

Segundo Urtasun (1995, p. 355-358, tradução nossa), esta coleta corresponde a do missal de 1929, que os reformadores acharam oportuno mantê-la. Apesar de um texto mais denso, há um conteúdo rico e cheio de ternura, na qual as traduções buscaram oferecer versões piedosas, enfatizando a necessidade de responder com amor, piedade, fé e total dedicação Àquele que tanto nos amou e continua a nos amar e assim, prestar-lhe digna reparação.

3.6.2. Oração sobre as oferendas na solenidade do Sagrado Coração de Jesus

A oração sobre as oferendas do formulário da missa na solenidade do Sagrado Coração de Jesus na terceira edição do Missal Romano, também tirada do formulário de 1929, expressa ideia de reparação (ADAM, 2019, p. 129):

Senhor, nós vos pedimos, olhai para o inefável amor do Coração do vosso amado Filho, a fim de que nossa oferenda vos seja agradável e sirva de reparação pelos nossos pecados. Por Cristo, nosso Senhor (MR, p. 422).

Invocação: Senhor, nós vos pedimos,

Anamnese da obra salvífica: olhai para o inefável amor do Coração do vosso amado Filho,

Petição: a fim de que nossa oferenda vos seja agradável e sirva de reparação pelos nossos pecados.

Conclusão: Por Cristo, nosso Senhor.

Urtasun (1995, p. 362, tradução nossa) afirma que nesta oração são acentuados os aspectos desta festa: o amor inefável do Filho amado do Pai para conosco; a necessidade de responder a ele com a nossa entrega, manifestada na nossa oferta do altar; a urgência de reparação pelos nossos pecados. A anamnese da obra salvífica relata o infinito e divino amor do Coração de Jesus que se faz presente no altar; nossa oblação se tornará um sacrifício de Cristo, pois o Espírito Santo, por meio do sacerdote, fará daquele pão e vinho, o Corpo e Sangue de Jesus. Por isso, a Igreja diz: “olhai para o inefável amor do Coração do vosso amado Filho”.

O autor ainda afirma que a petição desta oração recorda a dita pelo sacerdote em silêncio: “De coração contrito e humilde, sejamos, Senhor, acolhidos por vós; e seja o nosso sacrifício de tal modo oferecido que vos agrade, Senhor, nosso Deus” (MR, p. 447) (URTASUN, 1995, p. 363, tradução nossa). Ao falar de reparação:

Facilmente nos vem à mente a ideia de pecado de blasfêmia, de profanação do dia do Senhor, de homicídio, de roubo, de fornicção, de adultério, de escândalo de todo tipo, sem falar dos pecados graves contra a justiça social. Aqueles de nós que acreditamos obedecer aos mandamentos de Deus, podem considerar que esta solitação não nos afeta. Erro grave! Uma das urgências do Reino é retornar ao conceito genuíno de pecado, é preciso observar também a falta de óleo nas lâmpadas, com a falta de vigilância e oração, com a preguiça e com o fracasso em fazer nossos talentos darem fruto. Na Sagrada Escritura há uma gama de pecados, como os de Moisés, Saulo, Ananias, Safira, Pedro, e outros, que podem ser muito bem espelho

dos nossos, e devemos ao Senhor a expiação e a reparação aqui implorados. (URTASUN, 1995, p. 362-363, tradução nossa).

3.6.3. Oração depois da comunhão na solenidade do Sagrado Coração de Jesus

Adam (2019, p. 129) afirma que a antiga oração depois da comunhão da missa do Coração de Jesus (“Vossos santos mistérios...nos comuniquem um fervor divino que nos façam gozar da suavidade de vosso dulcíssimo Coração”) foi substituída pela súplica que encontramos na terceira edição do Missal Romano:

Senhor, o sacramento da caridade nos inflame de santo amor; e assim, sempre atraídos ao vosso Filho, aprendamos a reconhecê-lo em nossos irmãos. Por Cristo, nosso Senhor (MR, p. 424)

Invocação: Senhor,

Petição: o sacramento da caridade nos inflame de santo amor; e assim, sempre atraídos ao vosso Filho, aprendamos a reconhecê-lo em nossos irmãos.

Conclusão: Por Cristo, nosso Senhor.

Nesta oração, nota-se dois pedidos: o primeiro se torna trinitário, pois pedimos que esta Eucaristia, chamada de sacramento do amor, nos faça inflamar de santo amor; o redator impele a cada comungante, inflamado pelas “brasas ardentes da Eucaristia” (como disse São João Crisóstomo), se torne uma chama viva de amor. Amar como Jesus Cristo: ao extremo. É por isso que a petição que apela ao amor implorou: amor santo, pois um amor altruísta, heroico é humanamente impossível. Ao olhar o segundo pedido, recordamos que antes de Jesus, era possível amar a Deus e odiar o próximo. Em Jesus, o amor a Deus e ao próximo são inseparáveis. É isso que pedimos, que ao ter contato com o próximo, enxerguemos o rosto de Jesus (URTASUN, 1995, p. 366, tradução nossa).

Segundo Ryan (1995, p. 115), ser atraídos para Jesus, para o seu coração, não significa ser retraídos de nossos irmãos, é para encontrá-los no coração de Cristo, para amá-los “nas entranhas de Cristo Jesus” (FI, 1,8).

3.6.4. Prefácio da solenidade do Sagrado Coração de Jesus

No prefácio intitulado “O imenso amor de Cristo” (MR, p. 423) presente na terceira edição do Missal Romano, encontramos as três partes ditas acima. Vale

destacar que, como no enredo deste prefácio, fala-se de Cristo, observa-se o acréscimo do “por Cristo, nosso Senhor” no protocolo inicial:

Na verdade, é digno e justo, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso, Por Cristo, nosso Senhor. Elevado na cruz, entregou-se a si mesmo com admirável amor; do seu lado transpassado jorraram sangue e água e nasceram os sacramentos da Igreja para que todos, atraídos ao Coração aberto do Salvador pudessem beber com perene alegria das fontes da salvação. Por isso, com a multidão dos anjos e dos santos, nós vos louvamos, cantando (dizendo) a uma só voz: (MR, p. 423)

Protocolo inicial: “Na verdade, é digno e justo, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso, Por Cristo, nosso Senhor.”

Enredo: “Elevado na cruz, entregou-se a si mesmo com admirável amor²¹; do seu lado transpassado jorraram sangue e água²² e nasceram os sacramentos da Igreja²³ para que todos, atraídos ao Coração aberto do Salvador²⁴, pudessem beber com perene alegria das fontes da salvação²⁵.”

Protocolo final: “Por isso, com a multidão dos anjos e dos santos, nós vos louvamos, cantando (dizendo) a uma só voz:”

Conforme Adam (2019, p. 129), o prefácio do Sagrado Coração de Jesus se distingue por sua particular proximidade com a Sagrada Escritura e com a teologia patrística. Para Augé (2019, p. 271), trata-se do texto eucológico mais denso, que se diferencia por uma particular inspiração escritural e patrística. Nele é proclamado o mistério da salvação, visto na dimensão cristológica, eclesiológica e sacramental.

Na apreciação deste prefácio, particularmente no enredo, encontramos claramente o Mistério Pascal de Cristo, ao reunir várias ideias: o calvário, o costado transpassado e o coração aberto, e celebra o amor de Cristo que não cessa de arder

²¹ Mt, 27, 32-38; Mc 15, 23-28; Lc 23, 33-34; Jo, 19, 17-18; 1Jo, 4, 10.

²² Jo, 19, 33-35 “Chegando a Jesus e vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados transpassou-lhe o lado com a lança e imediatamente saiu sangue e água”.

²³ Santo Agostinho menciona no comentário ao Salmo 138: “A Igreja nasceu do lado do Senhor adormecido na cruz. Pois do lado aberto do crucificado brotaram os sacramentos da Igreja (cf Jo 19, 34)”. Também o Concílio Vaticano II, na constituição *Sacrosanctum Concilium*, nº 5, faz menção: “Esta obra da redenção dos homens e da glorificação perfeita de Deus, prefigurada pelas suas grandes obras no povo da Antiga Aliança, realizou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal da sua bem-aventurada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão, em que morrendo destruiu a nossa morte e ressurgindo restaurou a nossa vida. Foi do lado de Cristo adormecido na cruz que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja”.

²⁴ Jo 12, 32 “E quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim.”

²⁵ Is 12, 3 “Com alegria tirei água das fontes da salvação.”

por amor da humanidade, fazendo assim, ressoar novamente a proclamação da Páscoa: Tirareis água com gozo nas fontes da salvação (RYAN, 1995, p. 113-114).

3.7. Análise das leituras prescritas para a solenidade do Sagrado Coração de Jesus

O atual Lecionário da Missa oferece nove trechos da Escritura para a Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, distribuídos pelos anos A, B e C, cujas leituras bíblicas escolhidas garantem os aspectos mais autênticos da celebração e da consequente devoção ao Coração de Jesus (AUGÉ, 2019, p. 272).

Conforme Ryan (1995, p. 107), as leituras do Antigo Testamento para os três ciclos proclamam o amor de Deus para com seu povo, demonstrando como o elegeu e salvou, estabelecendo com ele um pacto, sendo um Bom Pastor, conduzindo o povo com suavidade, amor, paciência e mansidão.

Santos (2023) afirma que o elenco das leituras propostas para esta solenidade, traduzem o mistério que somos convidados a celebrar: fazer memória da ação amorosa de Deus na história da salvação, que por meio da entrega amorosa do Filho, deixou a todos a promessa de uma vida em abundância.

A comunidade que celebra este mistério é chamada a tocar o coração de Jesus. “O encontro do coração humano com o amor divino possui um efeito transformador” (TESSAROLO, 2012, p. 621). O resultado desta transformação é a efetivação do Reino de Deus.

Os textos eucológicos que compõem o formulário da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, bem como as leituras bíblicas apresentadas para a Liturgia da Palavra é um grande convite a uma experiência de conversão, que deve nos mover para uma vida em Cristo (SANTOS, 2023).

3.7.1. Elenco das leituras da solenidade no ano A

No elenco das leituras propostas para o ano A (Dt 7,6-11; 1Jo 4,7-16; Mt 11,25-30), encontramos Deus, que é amor (segunda leitura), escolhe e consagra para si um povo, e lhes dá uma lei, a fim de que ele viva segundo o seu amor (primeira leitura). Viver segundo o amor de Deus é ter um coração manso e humilde, como o de Jesus, que grita de júbilo messiânico, bendizendo ao Pai por tê-lo mandado relevar-se aos

pequenininhos o que o Filho pode conhecer, e convida a toda a humanidade a procurar nele o alívio, capaz de socorrer os irmãos em suas necessidades e encontrar a paz nesse Coração divino (evangelho) (ADAM, 2019, p.129; AUGÉ, 2019, p. 272).

3.7.2. Elenco das leituras da solenidade no ano B

As leituras do ano B (Os 11,1.3-8-4.8c-9; Ef 3,8-12.14-19; Jo 19,31-37), traz-nos como temática central o amor revelado e doado em Cristo. O evangelho, que narra o lado do Redentor transpassado pela lança do Soldado, e a segunda leitura que proclama a “insondável riqueza de Cristo” e seu amor que “supera todo entendimento”, foram tomados do formulário de Pio XI, do missal de 1962. Através de imagens e expressões de um realismo grandioso, demonstra o amor e afeto que Deus tem para com Israel, como o amor de pai ou mãe, que se comove de compaixão para com os seres humanos (primeira leitura) (ADAM, 2019, p.129; AUGÉ, 2019, p. 272).

3.7.3. Elenco das leituras da solenidade no ano C

No ano C (Ez 34,11-16; Rm 5,5b-11; Lc 15,3-7), as leituras nos falam sempre do amor de Deus que procura o pecador para amá-lo e salvá-lo, manifestando sua misericórdia. A figura do Bom Pastor, descrita na profecia de Ezequiel (primeira leitura), é realizada em Cristo (evangelho) e perdura no Salmo responsorial (Sl 22) e no versículo da segunda opção de aclamação ao evangelho, o que nos conduz a recordar 4º domingo da Páscoa, do Bom Pastor, reconhecendo que a temática da festa do Coração de Jesus não é um elemento singular no contexto do ano litúrgico. Na segunda leitura, encontramos um canto de louvor ao amor misericordioso de Deus, manifestado na morte de Cristo, quando ainda éramos pecadores (ADAM, 2019, p.129; AUGÉ, 2019, p. 272).

3.8. Considerações finais do capítulo

Fazendo referência a oficialização do culto ao Sagrado Coração de Jesus e sua relação com o Mistério de Cristo, Francisco (2024, nº 154) diz que pode parecer que esta expressão de devoção não possua suficiente base teológica, mas o coração tem as suas razões:

O *sensus fidelium* intui que há aqui algo de misterioso que ultrapassa a nossa lógica humana, e que a paixão de Cristo não é um mero evento do passado, pois dela podemos participar a partir da fé. A meditação da entrega de Cristo na cruz é, para a piedade dos fiéis, algo mais do que uma simples recordação. Esta convicção está solidamente fundamentada na teologia. A isto junta-se a consciência do próprio pecado, que Ele carregou sobre os seus ombros feridos, e da própria inadequação perante tanto amor, que sempre nos ultrapassa infinitamente (DI, nº 157).

Neste capítulo, ao percorrer o caminho até a aprovação do culto ao Sagrado Coração de Jesus, sua inclusão no calendário litúrgico e, analisadas as expressões do magistério pontifício a respeito deste culto, observa-se que a rica eucologia proposta pela terceira edição do Missa Romano, em parte extraída das versões anteriores, nos conduzem ao Mistério Pascal de Cristo, dando graças proclamando o amor de Deus, manifestado plenamente em Cristo: “Elevado na cruz, no seu amor sem limites, Cristo deu a vida por nós, e da ferida do seu lado, saiu sangue e água, símbolo dos sacramentos da Igreja, para que todos os homens, atraídos pelo coração do Salvador, bebem com imensa alegria na fonte perene da salvação” (BERGAMINI, 1994, p. 434).

CONCLUSÃO

O percurso de pesquisa deste trabalho, mostrou que o Coração de Jesus é a plena revelação do mistério de Deus que se inclinou sobre a humanidade, símbolo de seu imenso amor Humano e Divino, que passa pela sua paixão e morte.

Um olhar bíblico e a partir da Patrística permeou o primeiro capítulo, no qual demonstramos expressões do amor de Deus para com a humanidade nos textos veterotestamentários: desde a criação, queda da humanidade no pecado, aliança firmada com a humanidade para que seja seu povo, exortações, através dos profetas, para que o povo permaneça fiel à Ele, e o como cume deste amor, revelado nos textos veterotestamentários: o Pai envia seu próprio Filho que, por seus gestos e palavras, revelam o seu Coração amoroso, e firma nova e eterna aliança com seu povo, deixando-nos novo mandamento: “que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também, uns aos outros (Jo 13, 34).”

O segundo capítulo é marcado por uma visão histórica, que nos ajuda a contemplar o despontar da devoção ao Coração de Cristo, observando o contexto histórico da Europa, os santos que foram propagadores para que o Coração de Cristo fosse por todos amado e adorado, e sua chegada ao Brasil, pelos primeiros missionários jesuítas que em nossa pátria desembarcam.

Também definimos o que é ser devoto, conforme ensinamentos da Igreja universal e afirmações das Conferências do Episcopado Latino-americano e do Caribe, resgatar a origem do simbolismo do coração, concluindo que em todas as culturas e povos, este é o símbolo do amor.

Somos conduzidos pelo terceiro capítulo a percorrer o caminho até a aprovação do culto ao Sagrado Coração de Jesus, sua inclusão no calendário litúrgico e as expressões do magistério pontifício a respeito deste culto. A rica eucologia proposta pela terceira edição do Missa Romano, grande parte extraída das versões anteriores, nos conduzem ao Mistério Pascal de Cristo, dando graças proclamando o amor de Deus, manifestado plenamente em Cristo.

Podemos, então, contemplar no Coração de Jesus, que costumeiramente é representado coroadado de espinhos, transpassado pela lança e encimado por uma cruz, o amor de Jesus Cristo, que foi capaz de se entregar até o fim. Essa entrega de Cristo na cruz é a centralidade do Mistério Pascal. Estes sinais permanecem no

Coração do Ressuscitado, que convida Tomé a colocar a contemplar mais de perto o sinal da doação total que implicou tamanho sofrimento, por amor (DI, nº 151).

O culto ao Coração de Jesus, é o culto ao próprio Cristo, Rei e centro de todos os corações, e está em sintonia com a liturgia, porque é precisamente no Coração de Jesus que a liturgia tem sua origem e sua vida; pois foi do lado de Cristo adormecido na cruz, do qual jorraram sangue e água, que nasceu o sacramento admirável de toda a Igreja (SC, nº 5), o sacrifício de expiação. Desta afirmação, podemos compreender o motivo pelo qual, mesmo após a reforma litúrgica proposta pelo Concílio Vaticano II, este culto, que tem origem na devoção popular, manteve-se em grau máximo de solenidade.

A contemplação do Mistério Pascal, expresso no culto ao Sagrado Coração de Jesus deve suscitar em nós sentimentos de amor, fé, adoração e compaixão, pois Cristo ainda sofre naquele que é marginalizado, excluído, tem sua dignidade aniquilada pela falta de condições dignas para sobreviver, pelo desemprego, pelas guerras, pelo nosso egoísmo e indiferença. Assim como pedimos ao final da oração depois da comunhão: “sempre atraídos ao vosso Filho, aprendamos a encontrá-lo em nossos irmãos (MR, p. 424)”, o encontro com o amor do Coração de Jesus deve nos mover a encontrá-lo e a repará-lo em nossos irmãos e irmãs sofredores.

REFERÊNCIAS

- ACIERNO, Louis J. ***The History of Cardiology***. New York: The Parthenon Publishing Group, 1994. In: PRATES, Paulo R. Símbolo do coração. História, Ciências, Saúde – Manguinhos: Scielo Brasil, v.12, n.3, p. 1025-1031, set/dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ntBCxhtbSVFYcVx3Skwmwqk/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- ADAM, Adolf. **O ano litúrgico: Sua história e seu significado segundo a renovação litúrgica**. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. São Paulo: Loyola, 2019.
- AGOSTINHO. **Comentário sobre os Salmos (*Enarrationes in psalmos*) Salmo 101-150**. Tradução de Monjas Beneditinas (Mosteiro Maria Mãe de Cristo – Caxumbu-MG). São Paulo: Paulus, 2014.
- ALACOQUE, Santa Margarida Maria. **Autobiografia**. São Paulo: Loyola, 2015.
- ALDAZÁBAL, José. **Gestos e Símbolos**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ANCHIETA, José de. **Poema da Bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus**. Tradução de Armando Cardoso. Aparecida: Santuário, 2020.
- ARAÚJO, Gilvan Leite de; SILVA, Maria Freire da. A Trindade no Apocalipse de São João. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo: PUC-SP, v.16, n.65, p. 31-46, out/dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15502>. Acesso em 28 nov. 2024.
- AUGÉ, M. Eucologia. In: SARTORE, D. e TRIACCA, A. (org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulus, 2002.
- AUGÉ, Matias. **Ano litúrgico: É o próprio Cristo presente na sua Igreja**. Tradução de Geraldo Lopes. São Paulo: Paulinas, 2019.
- AZZI, Riolando. Do Bom Jesus sofredor ao Cristo libertador. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte: FAJE, v.18, n.45, p. 215-233, mai/jun. 1986. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/download/1821/2139/6652>. Acesso em 23 dez. 2024.
- BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1973.
- BECHER, Udo. **Dicionário de símbolos**. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Os fundamentos da Sagrada Liturgia**. Petrópolis: Vozes, 2004.

- BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da Igreja: História, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico**. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 1994.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BORN, A. Van Den. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Tradução de 3ª edição de Frederico Stein. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BOYADJIAN, Noubar. **El Corazón**. Brepols, Antwerpen: Ed. Esco, 1980. *In*: PRATES, Paulo R. Símbolo do coração. História, Ciências, Saúde – Manguinhos: Scielo Brasil, v.12, n.3, p. 1025-1031, set/dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ntBCxhtbSVFYcVx3Skwmwqk/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- CARDOSO, Armando Eugênio. **Evolução histórica da espiritualidade do Sagrado Coração nos ensinamentos da Igreja**. *In*: Um coração novo para um mundo novo. São Paulo: Loyola, 1989.
- CATECISMO DA IGREJA CATOLICA**. Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.
- CÉSAR, Getúlio. **Credices: suas origens e classificação**. Rio de Janeiro Ministério da Educação e Cultura – Departamento de Assuntos Culturais, 1975. *In*: GALVÃO, Lúcia Noya; RAIS, Salomé. **Da religiosidade canônica à popular: a Basílica da Penha do Recife – Pernambuco**. Revista Internacional de Folkcomunicação, [S. l.], v.1, n.2, 2008. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18564>. Acesso em: 3 abr. 2025.
- CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. **Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia**. São Paulo: Paulinas. 10ª edição, 2010.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Directório sobre a Piedade Popular e a Liturgia**. Princípios e orientações. Tradução de António Maia da Rocha. Lisboa: Paulinas, 2003.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral sobre o Missal Romano e introdução ao Lecionário**. Texto oficial da terceira edição típica do missal romano. Brasília: Edições CNBB, 2023.
- CROCE, Giovanna Della. **Gertrudes de Helfta**. *In*: Dicionário de Espiritualidade. Vol II. Ermanno Ancilli e Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (orgs.). Tradução de Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- DEPTULA, Jerzy. **O culto ao Coração de Jesus segundo a teologia contemporânea**. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1988.

- EICHER, Peter. **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. Tradução de João Rezende Costal. São Paulo: Paulus, 1993.
- FALCADE, Neusa. **O Coração de Jesus: história, cultura e teologia em torno de uma devoção religiosa**. Orientador Luiz Carlos Susin. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5830/1/421543.pdf>. Acesso em 08 abr. 2024.
- FERNÁNDEZ, Luis María; RUSSO, Roberto. **A oração litúrgica**. In: Manual de Liturgia II: A celebração do Mistério Pascal – Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2005.
- FERREIRA, Diego Augusto Gonçalves. **A solidez do amor numa época líquida “anticoração”**. Reveleto: São Paulo: PUC-SP, v.18, n.34, p. 124-131, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/69558>. Acesso em 17 mar. 2025.
- FRANCISCO. Carta Encíclica **Dilexit nos sobre o amor Humano e Divino do Coração de Jesus** (2024). São Paulo: Loyola, 2024.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium** sobre o anúncio do evangelho no mundo atual (2013). São Paulo: Paulinas, 2013.
- GOMES, Paulo R. **A Espiritualidade libertadora do Sagrado Coração**. In: Revista Grande Sinal. Petrópolis: p. 261-268, mai/jun, 1997.
- HARING, Bernhard. **O Coração de Jesus e a salvação do mundo**. Tradução de Boanerges Bacchan. Revisão de José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1985.
- HERREROS, Rafael García. **San Juan Eudes**. Bogotá, 1943. In: FRANCISCO. Carta Encíclica **Dilexit nos** sobre o amor Humano e Divino do Coração de Jesus (2024). São Paulo: Loyola, 2024.
- II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Medellín (1968): Texto conclusivo II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. In: SOUZA, Ney de. **Piedade Popular**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Puebla (1979): Texto conclusivo III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. In: SOUZA, Ney de. **Piedade Popular**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Santo Domingo (1992): Texto conclusivo IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. In: SOUZA, Ney de. **Piedade Popular**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- JUNGMANN, Josef. **A Missarum sollemnia**. São Paulo: Paulus, 2009. In: MESQUITA, Wanderley Rodrigues de. O Mistério Pascal: Origem, aplicação

litúrgica, desvios e retomada pelo Concílio Vaticano II. Revista Eletrônica Espaço Teológico, São Paulo: v.4, n.6, p. 8-16, jun./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/download/4353/2942/0>. Acesso em: 03 mar. 2025.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas. Edição Loyola, 2004.

LEÃO XIII. Carta Encíclica **Annum Sacrum acerca da devoção ao Sagrado Coração de Jesus** (1899). *In*: Documentos da Igreja sobre o Sagrado Coração de Jesus. São Paulo: Loyola, 1988.

LIBÂNIO, João Batista. **O amor misericordioso do Coração de Cristo e a libertação integral do homem**. *In*: Um Coração Novo para um mundo novo. Conferências do I Congresso Nacional de Espiritualidade do Coração de Jesus. São Paulo: Loyola, 1989.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

MACHO, Alejandro Diez. **O coração na bíblia: Símbolo da Pessoa**. *In*: CUSKELLY, E. J. Com um coração humano. Coletânea de textos de vários autores sobre a Espiritualidade do Coração. Tradução de José Maria Pinto. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1983.

MACIEL, Rafael Silva. **A história do Missal Romano: Um livro litúrgico para a celebração do Mistério**. *Ars Celebrandi – Revista de Liturgia*, Curitiba: v.1, n.2, p. 9-34, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://fasbam.edu.br/pesquisa/periodicos/index.php/arscelebrandi/article/download/527/266/575>. Acesso em: 10 dez. 2024.

MANUAL DO CORAÇÃO DE JESUS. 71ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MANUAL DO CORAÇÃO DE JESUS. 84ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MANUAL DO CORAÇÃO DE JESUS. 94ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

MATTAI, Giuseppe. **Religiosidade popular**. *In*: Dicionário de Espiritualidade. São Paulo/Lisboa: Paulinas/Paulistas, 1989. *In*: SOUZA, Ney de. Piedade Popular. São Paulo: Editora Paulinas, 2019.

MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 2005.

MESQUITA, Wanderley Rodrigues de. **O Mistério Pascal: Origem, aplicação litúrgica, desvios e retomada pelo Concílio Vaticano II**. Revista Eletrônica Espaço Teológico, São Paulo: v.4, n.6, p. 8-16, jun./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/download/4353/2942/0>. Acesso em: 03 mar. 2025.

- MESQUITA, Wanderley Rodrigues de. **O Mistério Pascal: Origem, aplicação litúrgica, desvios e retomada pelo Concílio Vaticano II**. Revista Eletrônica Espaço Teológico, São Paulo: v.4, n.6, p. 8-16, jun./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/download/4353/2942/0>. Acesso em: 03 mar. 2025.
- MOHR, Gerd Heinz-. **Dicionário de símbolos. Imagens e sinais da arte cristã**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1994.
- NAGER, Frank. **The Mythology of the Heart**. 1993 Basel: Ed. Roche. *In*: PRATES, Paulo R. Símbolo do coração. História, Ciências, Saúde – Manguinhos: Scielo Brasil, v.12, n.3, p. 1025-1031, set/dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ntBCxhtbSVFYcVx3sKWMWQK/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- OLIVEIRA, Altamir Ribeiro de. **Espiritualidade do Sagrado Coração de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- PAULO VI. Carta Apostólica **Investigabiles Divitias Christi sobre o 2º centenário da instituição da festa do Sagrado Coração de Jesus** (1965). *In*: Documentos da Igreja sobre o Sagrado Coração de Jesus. São Paulo: Loyola, 1988.
- PAULO VI. Exortação apostólica **Evangelii Nuntiandi** sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1975.
- PEDRINI, A. **Francisco de Sales (São)**. *In*: Dicionário de Espiritualidade. Vol II. Ermanno Ancilli e Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (orgs.). Tradução de Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- PIO XI. Carta Encíclica **Miserentissimus Redemptor** sobre a expiação que todos os homens devem ao Sagrado Coração de Jesus (1928). Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/es/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19280508_miserentissimus-redemptor.html. Acesso em 28 fev. 2025.
- PIO XII. Carta Encíclica **Haurietis Aquas sobre o Culto do Sagrado Coração de Jesus** (1956). São Paulo: Loyola, 2006.
- PRATES, Paulo R. **Símbolo do coração**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos: Scielo Brasil, v.12, n.3, p. 1025-1031, set/dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ntBCxhtbSVFYcVx3sKWMWQK/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- RAHNER, Karl. **La devozione al Sacro Cuero oggi in Società umna e Chiesa di domani, Nuovi Saggi V**, Roma, Edizioni Paoline, 1986, 398-418. Título original: Herz-Jesu-Verehrung heute in Korrespondenzblatt des Canisianisiums, 116, (1981-1982): 2-8. *In*: ESCOBAR, Julio Roque de. Contemplarão aquele que transpassaram. Coração de Jesus fonte do Espírito

Santo. Tradução de Irmã Luiza Catarina Della Torre, A.S.C.J. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

RITUAL ROMANO. **Missal Romano**. Reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S. o Papa Paulo VI. Tradução portuguesa da segunda edição típica realizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

RITUAL ROMANO. **Missal Romano**. Reformado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por autoridade de S.S. o Papa Paulo VI e revisto por S.S. o Papa João Paulo II. Tradução portuguesa da terceira edição típica realizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. Brasília: Edições CNBB, 2023.

RITUAL ROMANO. *Missale Romanum. Ex decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum S. Pii Pontificius Maximi Jussu editum aliorum pontificum cura recognitum a Pio X reformatum et Benedicti XV auctoritate vulgatum*. Roma: Marietti, 1949.

RITUAL ROMANO. *Missale Romanum. Ex decreto Sacrosancti Concilii Tridentini Restitutum Summorum pontificum cura recognitum*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1962.

RODRÍGUEZ, F. Antolín. **Eudes, João (São)**. *In: Dicionário de Espiritualidade*. Vol. II. Ermanno Ancilli e Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (orgs.). Tradução de Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

RODRÍGUEZ, F. Antolín. **Margarida Maria Alacoque (Santa)**. *In: Dicionário de Espiritualidade*. Vol. II. Ermanno Ancilli e Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (orgs.). Tradução de Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

RYAN, Vicent. **Páscoa e festas do Senhor**. Tradução de Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995.

SÁ, André. **O Sagrado Coração de Jesus – Esperança, Solução e Consolo para cada um de nós**. São Paulo: Petrus, 2008.

SANTOS, Rodrigo José Arnos. **Celebrar o mistério do Coração de Jesus, na busca por uma Igreja sinodal**. Associação dos Liturgistas do Brasil. Disponível em: <https://www.asli.com.br/artigos/celebrar-o-misterio-do-coracao-de-jesus-na-busca-por-uma-igreja-sinodal>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SCHIMIDT, J. H. *Synonymik der Griechischen Sprache*. Stuttgart, 1879 (reimpre. Amsterdam, 1969) III, p. 628. *In: CUSKELLY, E. J. Com um coração humano. Coletânea de textos de vários autores sobre a Espiritualidade do Coração*. Tradução de José Maria Pinto. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1983.

- SCHNEIDER, Roque. **A Espiritualidade do Coração de Jesus: Ontem e hoje**. São Paulo: Loyola, 2000.
- SILVA, Denilson Mariano da. **“Não deixemos que nos roubem o Evangelho!”: Aportes à proposta de animação bíblica da vida e da pastoral**. Revista Annalesfaje, Anais do III Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, Belo Horizonte: v.9, n.3, p. 201-208, 2024. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5914>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- SILVA, Rafael Ferreira da. **O amor de Deus, a liturgia e o mundo atual**. Revista Eletrônica Espaço Teológico. São Paulo: PUC-SP, v.11, n.20, p. 157-169, jul/dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/36213>. Acesso em 28 nov. 2024.
- SILVA, Renê Augusto Vilela da. **Piedade Popular na América Latina: Um panorama de Medellín ao Papa Francisco**. Revista da APG, São Paulo, v. 2, n.1, p. 117-135, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apg/index>.
- SOUZA, Ney de (org). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SOUZA, Ney de. **Piedade Popular**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- SOUZA, Ney de. SBARDELOTTI, Emerson (orgs). **Puebla. Igreja na América Latina e no Caribe**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- STADELMANN, Luís I. J. **A espiritualidade do Coração de Jesus e seus fundamentos bíblicos**. In Um Coração Novo para um mundo novo. Conferências do I Congresso Nacional de Espiritualidade do Coração de Jesus. São Paulo: Loyola, 1989.
- SUSIN, Luiz Carlos. Introdução: **“Coração de Jesus” uma obra de síntese com sabor patrístico**. In: GILLONNAY, B. O humano em Cristo. Porto Alegre: EST, 1996.
- SUSIN, Luiz Carlos. **Viver, contar, pensar**. Porto Alegre: ESTEF, 2009.
- TESSAROLO, Andrea. **Coração de Jesus (devoção ao)**. In: Dicionário de Espiritualidade. Vol I. Ermanno Ancilli e Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (orgs.). Tradução de Orlando Soares Moreira e Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- TESSAROLO, Andrea. **Il culto del S. Cuore**. Turim-Bolonha, 1957, p. 77-80. In: DEPTULA, Jerzy. O culto ao Coração de Jesus segundo a teologia contemporânea. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

- TESSAROLO, Andrea. ***Il Cuore di Gesù e il rinnovamento conciliare***. Semana Bolonhesa do Sagrado Coração, 1965. Bolonha-Nápoles-Pádua. Ed. Dehoniane, 1966. *In*: ESCOBAR, Julio Roque de. *Contemplarão aquele que transpassaram. Coração de Jesus fonte do Espírito Santo*. Tradução de Irmã Luiza Catarina Della Torre, A.S.C.J. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- TESSAROLO, Andrea. ***Theologia Cordis: Apontamentos teológicos e espiritualidade do Coração de Jesus***. Tradução: Cláudio Antonio Pedrini. São Paulo: Edições Loyola, 2022.
- URTASUN, C., ***Las oraciones del misal: Escuela de espiritualidad de la Iglesia – Domingos y Solemnidades***. Barcelona: *Centre de Pastoral Litúrgica*, 1995, (Biblioteca litúrgica 5).
- V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 3ª Edição, São Paulo: Paulinas, 2007.
- VAZ, José Carlos de Lima. **O Culto ao Coração de Jesus na religiosidade popular**. *In*: Um coração novo para um mundo novo. São Paulo: Loyola, 1996.
- VINKEN, Pierre. ***The shape of the heart***. Amsterdam: Elsevier, 2000. *In*: PRATES, Paulo R. Símbolo do coração. História, Ciências, Saúde – Manguinhos: Scielo Brasil, v.12, n.3, p. 1025-1031, set/dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ntBCxhtbSVFYcVx3sKWMWQK/?lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- WELTER, Roseane. **No Apostolado da Oração, a meta é ter as mesmas qualidades do Coração de Jesus**. O São Paulo, São Paulo, 21 jun. 2023. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/sao-paulo/no-apostolado-da-oracao-a-meta-e-teras-mesmas-qualidades-do-coracao-de-jesus/>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- XAVIER, Donizete José. **Desafios e Contribuições Contemporâneas para a Teologia**. Reveleto: São Paulo: PUC-SP, v.18, n.34, p. 3-6, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/issue/current>. Acesso em 17 mar. 2025.

ANEXOS

ANEXO A – Vaso de cultura Olmeca com formato de coração, 100-900 a.C.

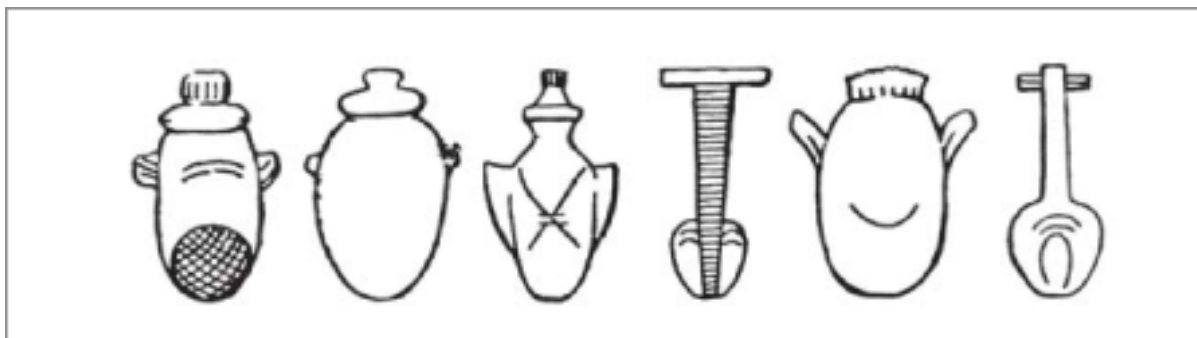


Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ntBCxhtbSVFYcVx3sKWMWQK/?lang=pt>.

Acesso em 10 dez. 2024.

ANEXO B – Hieróglifo em forma de vaso, significando coração.



Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/ntBCxhtbSVFYcVx3sKWMWQK/?lang=pt>.

Acesso em 10 dez. 2024.

ANEXO C – Fórmula de Consagração ao Coração de Jesus

Ó dulcíssimo Jesus, ó Redentor do gênero humano, lançaí um olhar sobre nós, humildemente prostrados diante do vosso altar. Somos vossos e vossos queremos ser; e para podermos viver mais estreitamente unidos a Vós, eis que cada um de nós se consagra ao vosso Sacratíssimo Coração.

Muitos, porém, já não Vos conhecem; muitos, ao desprezar os vossos mandamentos, repudiam-Vos. Ó benigníssimo Jesus, tende piedade de uns e de outros; e atraí todos ao Vosso Coração Santíssimo. Oh Senhor, sê o Rei não só dos fiéis que não se distanciaram de Vós, mas também destes filhos pródigos que Vos abandonaram; fazei com que estes retornem à casa paterna o quanto antes para não morrerem de miséria e fome.

Sê o Rei de todos os que vivem no engano do erro ou que por discordarem de Vós e separaram; chamaí-os ao porto da verdade e da unidade da Fé, para que assim, em breve, não haja mais que um só rebanho sob um só Pastor.

Sê finalmente o Rei de todos os que estão envoltos nas superstições do paganismo e não recuseis tirá-los das trevas para trazê-los à luz do Reino de Deus.

Obtende, oh Senhor, a integridade e liberdade segura para a vossa Igreja; dai a todo o povo a tranquilidade da ordem; fazei com que de uma extremidade à outra da terra ressoe esta única voz: “Seja louvado este Coração do qual provém a nossa salvação; a Ele a glória e a honra pelos séculos. Amém!”

ANEXO D – Ato de desagravo ao Sagrado Coração de Jesus

Dulcíssimo Jesus, cuja infinita caridade para com os homens é por eles tão ingratamente correspondida com esquecimentos, friezas e desprezos, eis-nos aqui prostrados diante do vosso altar, para vos desagravarmos com especiais homenagens da insensibilidade tão insensata e das nefastas injúrias com que é de toda a parte alvejado o vosso amorosíssimo Coração.

Reconhecendo, porém, com a mais profunda dor, que também nós, mais de uma vez, cometemos as mesmas indignidades, para nós, em primeiro lugar, imploramos a vossa misericórdia, prontos a expiar não só as próprias culpas, senão também as daqueles que, errando longe do caminho da salvação, ou se obstinam na sua infidelidade, não vos querendo como pastor e guia, ou, conculcando as promessas do batismo, sacudiram o suavíssimo jugo da vossa santa Lei.

De todos estes tão deploráveis crimes, Senhor, queremos nós hoje desagravar-vos, mas particularmente da licença dos costumes e imodéstias do vestido, de tantos laços de corrupção armados à inocência, das execrandas blasfêmias contra Vós e vossos Santos, dos insultos ao vosso Vigário e a todo o vosso clero, do desprezo e das horrendas profanações do Sacramento do divino amor, e, enfim, dos atentados e rebeldias oficiais das nações contra os direitos e o magistério da vossa Igreja. Oh, se pudéssemos lavar, com o próprio sangue, tantas iniquidades!

Entretanto, para reparar a honra divina ultrajada, vos oferecemos, juntamente com os merecimentos da Virgem Mãe, de todos os Santos e almas piedosas, aquela infinita satisfação que Vós oferecestes ao Eterno Pai sobre a cruz, e que não cessais de renovar todos os dias sobre nossos altares.

Ajudai-nos, Senhor, com o auxílio da vossa graça, para que possamos, como é nosso firme propósito, com a viveza da Fé, com a pureza dos costumes, com a fiel observância da lei e caridade evangélica, reparar todos os pecados cometidos por nós e por nossos próximos, impedir por todos os meios novas injúrias de vossa divina Majestade e atrair ao vosso serviço o maior número de almas possível.

Recebei, ó benigníssimo Jesus, pelas mãos de Maria Santíssima Reparadora, a espontânea homenagem deste nosso desagravo e concedei-nos a grande graça de perseverarmos constantes até a morte no fiel cumprimento dos nossos deveres e no vosso santo serviço, para que possamos chegar todos à pátria bem-aventurada, onde vós, com o Pai e o Espírito Santo, viveis e reinais, Deus, por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

ANEXO E – Quadro comparativo do formulário da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus nas edições do Missal Romano

Ao compararmos os textos da segunda e terceira edição típica do Missal Romano, notam-se pequenas alterações no uso das palavras, mas que não geraram mudanças de conteúdo, conservando sempre como base o formulário *Cogitationes*, promulgado em 1929 por Pio XI, sendo a antífona de entrada, segunda opção de coleta e oração sobre as oferendas são as mesmas, enfatizando o caráter de reparação. Foi acrescentada nova opção de coleta, que enfatiza as grandes obras do amor do Filho de Deus pela humanidade; a antífona depois da comunhão do formulário de 1929 já trazia duas opções: uma própria para as missas votivas e do tempo Pascal, já na segunda e terceira edição, encontramos as mesmas antífonas, sendo que naquela que medita Jo 7, foi acrescentado um versículo. Também a oração depois da comunhão foi reformulada.

ANTÍFONA DE ENTRADA

MR 1962	MR 1970 – 2ª edição Promulgado em 1991		MR 1970 – 3ª edição Promulgado em 2023
<p>Introitus</p> <p><i>Cogitationes Cordis ejus in generatióne et generatióne: ut éruat a morte animas eórum et alat eos in fame.</i></p>	<p>Ant. ad Introitum</p> <p><i>Cogitationes Cordis eius in generatióne et generatióne: ut éruat a morte ánimas eórum et alat eos in fame.</i></p>	<p>Antífona da entrada</p> <p>Eis os pensamentos do seu Coração, que permanecem ao longo das gerações: libertar da morte todos os homens e conservar-lhes a vida em tempo de penúria.</p>	<p>Antífona da entrada</p> <p>Os desígnios do Coração do Senhor perduram de geração em geração, para da morte libertar as suas vidas e alimentá-los quando é tempo de penúria.</p>

COLETA

MR 1962	MR 1970 – 2ª edição Promulgado em 1991		MR 1970 – 3ª edição Promulgado em 2023
<p style="text-align: center;">Oratio</p> <p><i>Deus, qui nobis, in Corde Filii tui, nostris vulnerato peccatis, infinitos dilectionis thesauros misericorditer largiri dignaris: concede, quæsumus; ut illi devotum pietatis nostrae præstantes obsequium, dignae quoque satisfactiois exhibeamus officium. Per eúmdem Dóminum.</i></p>	<p style="text-align: center;">Collecta - 1ª optionem</p> <p><i>Concéde, quæsumus, omnipotens Deus, ut qui, dilécti Filii tui Corde gloriántes, eius præcípua in nos benefícia recólimus caritátis, de illo donórum fonte cælésti superefluéntem grátiam mereámur accípere. Per Dóminum</i></p>	<p style="text-align: center;">Oração do dia – 1ª opção</p> <p>Concedei, ó Deus todo-poderoso, que, alegrando-nos pela solenidade do Coração do vosso Filho, meditemos as maravilhas de seu amor e possamos receber, desta fonte de vida, uma torrente de graças. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.</p>	<p style="text-align: center;">Coleta – 1ª opção</p> <p>Ó Deus todo-poderoso, alegrando-nos com a solenidade do Coração do vosso amado Filho, recordamos os grandes benefícios do seu amor para conosco. Concedei que mereçamos receber desta fonte divina uma torrente de graças. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.</p>
	<p style="text-align: center;">Collecta 2ª optionem</p> <p><i>Deus, qui nobis in Corde Filii tui, nostris vulnerato peccatis infinitos dilectionis thesauros misericorditer largiri dignaris, concéde, quæsumus, ut, illi devotum pietatis nostrae præstantes</i></p>	<p style="text-align: center;">Oração do dia – 2ª opção</p> <p>Ó Deus, que no Coração do vosso Filho, ferido por nossos pecados, nos concedestes infinitos tesouros de amor, fazei que lhe ofereçamos uma justa reparação</p>	<p style="text-align: center;">Coleta – 2ª opção</p> <p>Ó Deus, no Coração do vosso Filho ferido por nossos pecados vos dignais em vossa misericórdia abrir-nos infinitos tesouros de amor. Concedei, nós vos pedimos, que, prestando-lhe nossa fervorosa homenagem de piedade, cumpramos também o dever de uma digna reparação. Por nosso</p>

	<p><i>obséquium dignæ quoque satisfactiõnis exhibeámus officium. Per Dóminum.</i></p>	<p>consagrando-lhe toda a nossa vida. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.</p>	<p>Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos.</p>
--	---	---	---

SOBRE AS OFERENDAS

MR 1962	MR 1970 – 2ª edição Promulgado em 1991		MR 1970 – 3ª edição Promulgado em 2023
<p style="text-align: center;">Secreta</p> <p style="text-align: center;"><i>Réspice, quæsumus, Dómine, ad ineffabilem Cordis dilécti Filii tui caritátem: ut quod offérimus sit tibi munus accéptum, et nostrórum expiátió delictórum. Per eúndem Dóminum nostrum.</i></p>	<p style="text-align: center;">Super oblata</p> <p style="text-align: center;"><i>Réspice, quæsumus, Dómine, ad ineffabilem Cordis dilécti Filii tui caritátem ut quod offérimus sit tibi munus accéptum et nostrórum expiátió delictórum. Per Christum.</i></p>	<p style="text-align: center;">Sobre as oferendas</p> <p>Considerai, ó Deus, o indizível amor do Coração do vosso amado Filho, para que nossas oferendas vos agradem e sirvam de reparação por nossas faltas. Por Cristo, nosso Senhor.</p>	<p style="text-align: center;">Sobre as oferendas</p> <p>Senhor, nós vos pedimos, olhai para o inefável amor do Coração do vosso amado Filho, a fim de que nossa oferenda vos seja agradável e sirva de reparação pelos nossos pecados. Por Cristo, nosso Senhor.</p>

PREFÁCIO

MR 1962	MR 1970 – 2ª edição Promulgado em 1991		MR 1970 – 3ª edição Promulgado em 2023
<p style="text-align: center;">Præfatio De Ssmo Corde Jesu</p> <p><i>Vere dignum e justum est, æquum et salutäre, nos tibi semper, et ubique grätias ägere: Dömine sancte, Pater omnípotens, ætérne Deus: Qui Unigénitum tuum in cruce pendéntem láncea militis transfigi voluísti, ut apértum Cor, divinæ largitátis sacrárium, torréntes nobis fúnderet miseratiónis et grätiae, et quod amóre nostri flagráre numquam déstitit, piis esset réquies et pœniténtibus patéret salutis refúgium. Et ideo cum Angelis et Archángelis, cum Thronis et Dominatióibus, cumque omni mialítia cæléstis exércitus, hymnum glóriæ tuæ cánimus, sine fine dicéntes:</i></p>	<p>Præfatio: De immensa caritate Christi.</p> <p><i>Vere dignum et iustum est, æquum et salutäre, nos tibi semper et ubique grätias ägere: Dömine, sancte Pater, omnípotens ætérne Deus: per Christum Dóminum nostrum. Qui, mira caritáte, exaltátus in cruce pro nobis trádidit semetípsum atque de transfíxo latere sánguinem fudit et aquam, ex quo manárent Ecclésiæ sacramenta, ut omnes, ad Cor apértum Salvatóris attrácti, iúgiter haurírent e fóntibus salutis in gáudio. Et ideo, cum Sanctis et Angelis univérsis, te collaudámus, sine, fine dicéntes:</i></p>	<p style="text-align: center;">Prefácio Coração de Jesus, fornalha ardente de caridade</p> <p>Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo o lugar. Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso, por Cristo, Senhor nosso. Elevado na Cruz, entregou-se por nós com imenso amor. E de seu lado aberto pela lança fez jorrar, com a água e o sangue, os sacramentos da Igreja para que todos, atraídos ao seu Coração, pudessem beber, com perene</p>	<p style="text-align: center;">Prefácio O imenso amor de Cristo</p> <p>Na verdade, é digno e justo, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo lugar, Senhor, Pai santo, Deus eterno e todo-poderoso, Por Cristo, nosso Senhor. Elevado na cruz, entregou-se a si mesmo com admirável amor; do seu lado transpassado jorraram sangue e água e nasceram os sacramentos da Igreja, para que todos, atraídos ao Coração aberto do Salvador, pudessem beber com perene alegria das fontes da salvação. Por isso, com a multidão dos anjos e dos santos, nós vos louvamos, cantando (dizendo) a uma só voz:</p>

		alegria, na fonte salvadora. Por essa razão, agora e sempre, nós nos unimos à multidão dos anjos e dos santos, cantando (dizendo) a uma só voz:	
--	--	---	--

ANTÍFONA DA COMUNHÃO

MR 1962	MR 1970 – 2ª edição Promulgado em 1991		MR 1970 – 3ª edição Promulgado em 2023
<p style="text-align: center;">Communio Joann. 19, 34</p> <p><i>Unus militum lancea latus ejus aperuit, et continuo exivit sanguis et aqua.</i></p> <p><i>Tempore autem Paschali, in Missis votivis, sic mutatur Commnio</i></p> <p style="text-align: center;">Communio Joann 7, 37</p> <p><i>Si quis sitit, veniat ad me et bibat. Allelúja, allelúia.</i></p>	<p style="text-align: center;">Ant. ad communione Io 7, 37-38</p> <p><i>Dicit Dóminus: Si quis sitit, veniat ad me et bibat. Qui credit in me, flúmina de ventre eius fluent aquæ vivæ</i></p> <p style="text-align: center;">Io 19, 34 Vel:</p> <p><i>Unus militum lancea latus eius aperuit, et continuo exivit sanguis et aqua,</i></p>	<p style="text-align: center;">Antífona da comunhão Jo 7, 37-38 (1ª opção)</p> <p>Diz o Senhor: Se alguém tiver sede, venha e beba. Daquele que crê em mim, brotarão rios de água vida.</p> <p style="text-align: center;">Antífona da comunhão Jo 19, 34 (2ª opção)</p> <p>Um dos soldados abriu-lhe o lado com a lança, e logo correram sangue e água.</p>	<p style="text-align: center;">Antífona da comunhão Jo 7, 37-38 (1ª opção)</p> <p>Assim diz o Senhor: Se alguém tem sede, venha e beba. Aquele que crê em mim, rios de água viva jorrarão do seu interior.</p> <p style="text-align: center;">Antífona da comunhão Jo 19, 34 (2ª opção)</p> <p>Um soldado abriu-lhe o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.</p>

DEPOIS DA COMUNHÃO

MR 1962	MR 1970 – 2ª edição Promulgado em 1991		MR 1970 – 3ª edição Promulgado em 2023
<p>Postcommunio</p> <p><i>Praebent nobis, Dómine Jesu, divinum tua sancta fervóren: quo dulcíssimi Cordis tui suavitate percepta; discamus terrena despícere, et amare caeléstia: Qui vivis et regnas.</i></p>	<p>Post communionem</p> <p><i>Sacramentum caritátis, Dómine, sancta nos fáciat dilectiõne fervére, qua, ad Fílium tuum semper attrácti, ipsum in frátribus agnóscere discamus. Per Christum</i></p>	<p>Depois da Comunhão</p> <p>Ó Deus, que este sacramento da caridade nos inflame em vosso amor e, sempre voltados para o vosso filho, aprendamos a reconhecê-lo em cada irmão. Por Cristo, nosso Senhor.</p>	<p>Depois da comunhão</p> <p>Senhor, o sacramento da caridade nos inflame de santo amor; e assim, sempre atraídos ao vosso Filho, aprendamos a reconhecê-lo em nossos irmãos. Por Cristo, nosso Senhor.</p>
<p>Pós-comunhão</p> <p>Senhor Jesus, que os teus santos mistérios nos comunique um fervor divino, que tendo recebido a suavidade do vosso dulcíssimo Coração, aprendamos a desprezar as coisas da terra, e amar as do céu. Vós, que viveis e reinais (tradução nossa).</p>			